

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)

**MICHELE SALES PAES**

A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES DE MATRIZES  
AFRICANAS POR MEIO DA INDUMENTÁRIA DOS ORIXÁS DA NAÇÃO KETU NA  
CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY E NA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL  
UNIVERSAL

Rio de Janeiro

2017

**MICHELE SALES PAES**

A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES DE MATRIZES  
AFRICANAS POR MEIO DA INDUMENTÁRIA DOS ORIXÁS DA NAÇÃO KETU NA  
CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY E NA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL  
UNIVERSAL

Trabalho apresentado à Escola de Biblioteconomia da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como  
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em  
Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de  
Miranda

Rio de Janeiro

2017

P126r Paes, Michele Sales.

A Representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas por meio da indumentária dos Orixás da Nação Ketu na Classificação Decimal de Dewey e na Classificação Decimal Universal / Michele Sales Paes - 2017.  
71 f., II.

Orientador: Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda  
Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Biblioteconomia.

1 Representação do conhecimento. 2. Religiões de matrizes africanas. 3. Orixás. 4. Nação Ketu. 5. Indumentária 6. Classificação Decimal de Dewey. 7. Classificação Decimal Universal. I. Miranda, Marcos Luiz Cavalcanti de. II. Título.

CDD 025.4629

MICHELE SALES PAES

A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES DE MATRIZES  
AFRICANAS POR MEIO DA INDUMENTÁRIA DOS ORIXÁS DA NAÇÃO KETU NA  
CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DEWEY E NA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL  
UNIVERSAL

Trabalho apresentado à Escola de Biblioteconomia da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como  
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em  
Biblioteconomia.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda - Orientador

---

Prof. Dr. Eduardo da Silva Alentejo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patricia Vargas Alencar

Dedico esse trabalho às minhas filhas Julia e Alice, meus motivos para querer tornar-me um ser humano melhor e aos Elementais.

## AGRADECIMENTOS

Aos Elementais que tudo governam e sem dúvida estão comigo por essa caminhada.

Às filhas que recebi nessa vida, Julia e Alice, e que me ensinam o que é ser mãe e ser melhor.

Aos meus pais que me deram a vida.

Às mães que ganhei nessa vida, Idália e Edite, ao meu pai Sergio Paes e aos pais do coração Alcione e Dilson meus tios queridos que me acolheram ainda criança em seu lar, e ao meu padrasto Francisco Lima.

Aos meus irmãos Ruth Paes, Elias e Pedro Henrique pelas travessias juntos e aprendizados.

Apesar de dificuldades ser honesto sempre valeu a pena.

Aos meus avós Alcides Paes e Ruth Paes pais e avós que deixaram a semente do bem, a ser uma pessoa de bem.

A toda minha família.

Às primas Margareth Guimarães, Beth Guimarães, Danielle Guimarães, Bárbara, Cleide Couto pelo apoio de sempre, incentivos e amizade além da família terrena, família fraternal.

Ao Sr. Averaldo, vô da Alice, exemplo de luta, humildade, sempre com palavras de carinho, conforto, força e incentivo.

À Luiza Santoro que me faz acreditar na bondade humana e em mim.

À Marly que me ensinou as primeiras letras embaixo da tábua de passar da tia Alcione.

À Eliete e seu Ney e Simone, ao Jorge que me ajudou a conhecer Biblioteconomia e disse que era a minha cara.

Às professoras do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e Escola Municipal Manoel Bonfim de Del Castilho, em especial à professora Maria do Carmo.

Às professoras da escola municipal Álvaro Lins D. Gilce, Monica Novaes, Ana Lúcia, Albertina e Matilde de Sá e professora Cida, Nilcimar e Filomena do Saint Clair.

Aos funcionários da UNIRIO e em especial a Ângela, Ribamar, André, Antonio, Andreia do elevador, aos seguranças, em especial aos da biblioteca Central, ao pessoal do PRAE antigo DAE e DACE, e todo pessoal que atua na universidade.

Aos Bibliotecários da biblioteca Central da UNIRIO, em especial à Marta.

Aos colegas e amigos da UNIRIO Amanda Pereira Leite, Ilka Bandeira, Raquel Guimarães, Janaina de JExus, Janaina Sales, Margareth, Rogério, Alexandre, Lucas Carrera, Aimeé Menezes, Francisco Jr., Wander Samuel, Thiago Leite, Edmar Alcântara, Ilza Pereira, Claudio Rocha, Fabiana Hayes, Debora Vasconcelos, Thayron Rangel, Augusto Soares, Felipe, Vitor Serber, Celso, Elisabeth Ferreira, Diane Vicente, Marcia Livia Gomes, Carlos Ferreira, Luciana, Yonnas Gabriel, Juliana, Vitor, Luís dos Santos Cabral, Claudia Mayrink, Flor de plástico, Andreia Nazareth, Fabricio Antenor, Claudia Conceição, Clarisse Kloss da UFRJ,

Yasmin Nunes, Barbara, PolianaRibeiro, Sonia Regina Lopes, Fernanda, Amanda, Diana Marcela, Milene Sales, Eva, Jonathan Xisto, João Paranhos, Jessica, Teresa Cristina, Paula Ferreira, Taís Silveira, Marcelo Dantas, Alan Oliveira, Ingrid, Érika Charles, Leandra, Rodrigo, Nazário Costa, Yaya Djamanca, Dudu índio, Erika Pifer, Yonnas Gabriel, Ricardo Góes, Poliana Ribeiro Teixeira, Alan Muniz, Ingrid Muniz, Marcelo Santos, Cátia Ayres, Alex Gonçalves, Isabela Queiroz, Hernandes Silva, Alvamária Valim Rangel, Conceição, Claudia Conceição,

Ao querido pipoqueiro França, às colegas do trailer do CLA, aos colegas que vendem alimentos no famoso murinho e ao Marcinho do cachorro quente.

Aos colegas da República da Passagem em Botafogo.

À Ana da república Shekina no Cachambi.

Às amigas Ângela e Elisangela do Jacarezinho exemplos de luta, humildade e dignidade.

Às amigas Wanderly, Ana Campos, Andreia Dias, Ana Dias, Luciana Fernandes de Juiz de Fora, Josiana Ferreira, Lucimar e Seleyda.

À amiga Roberta Alves que me socorreu em muitos momentos inclusive na realização desse trabalho.

Aos meus amigos Milena Peres de São Paulo e Gabriela Providello (Im memoriam), Patricia Tortoriello e Orlando Trindade por sempre me lembrarem que eu seria capaz.

À amiga querida e madrinha de casamento Penha Miranda que nos acolheu contanto carinho e cuidado.

A todos da Escola Portátil de Música.

A dona Sandra e sr. Jorge do Terreiro em Guaxindiba que muito colaboraram para essa pesquisa e a Luana da xérox da UNIRIO uma ekede muito carinhosa que também colaborou com esse trabalho.

Aos chefes que se tornaram amigas da PGE Alessandra Oliveira, Kelly Pereira de Lima, Andreia Monteiro, José, Sthepanie, Thiago e também à Estela da copa; do CTAV Rosiane Fonseca, aos colegas Paulinho Rocha e Gilson Rodrigues, da PGM: Adriana, Lucineide Costa e Ivonete.

Ao mestre e amigo Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda agradeço por não desistir de mim e a todos os outros mestres Iris Abdala, Ana Virgínia Pinheiro, Marília Amaral, Celso Campos, Felipe Rafael, Suzete Moeda, Simone Weitzel, Alberto Calil, Lafayette, Mariana Zattar, Brisa Posi, Orlando, Beatriz Decourt, Rafael Fortes, Danielle Achilles, Lucia Grimberg, Lidiane Carvalho, Lucia Moutinho, Eduardo Alentejo, Gustavo Saldanha, Tatiana Almeida, Ana Flaxsman, Mirian Gontijo, Alex Guizalbert, Naira Cristofollett, Nanci Oddone, Geni Chaves e Maria Helena e Patricia Vargas pois sem os senhores nada disso seria possível.

“Uma longa viagem começa com um único passo”

Lao Tsé

## RESUMO

Este trabalho aborda a Representação do Conhecimento em Religiões de Matrizes Africanas por meio da indumentária dos Orixás da Nação Ketu na Classificação Decimal Universal CDU e Classificação Decimal de Dewey CDD, analisando especificamente como cada Orixá se apresenta. Explica como as religiões de matrizes africanas estão representadas na Classificação Decimal Universal e na Classificação Decimal de Dewey e reforça a importância desses sistemas acolherem de forma mais abrangente as religiões dos ancestrais oriundos de África. Ressalta a importância da representação desses saberes pertencentes à cultura africana e que perpassam a nossa e de todos os povos que com ela têm contato, não somente para o trabalho dos Bibliotecários de organizar esses assuntos em sua área de atuação, mas também demonstrando que as religiões trazidas pelos negros escravizados precisam ser representadas devidamente para que as gerações futuras tenham acesso aos saberes advindos dos africanos.

Palavras-chave: Organização do conhecimento. Religiões de matrizes africanas. Orixás. Nação Ketu. Representação do conhecimento. Classificação Decimal de Dewey. Classificação Decimal Universal. Indumentária.

## **ABSTRACT**

This paper deals with the Knowledge Representation in Religions of African Matrices through the cloting of the Orixás of the Ketu Nation in the Universal Decimal Classification (UDC) and Dewey Decimal Classification (DDC), analyzing specifically how each Orisha presents itself. It explains how religions of African matrices are represented in the Universal Decimal Classification and Dewey Decimal Classification and reinforces the importance of these systems to more broadly embrace the religions of the ancestors from Africa. Emphasizes the importance of the representation of these knowledges that belong to African culture and that permeate ours and of all the peoples that have contact with it, not only for the work of the Librarians to organize these subjects in their performance area, but also demonstrating that religions brought by the blacks enslaved need to be properly represented so that future generations have access to the knowledge derived from Africans.

**Keywords:** Knowledge Organization. Religions of African Matrices. Orishas. Ketu Nation. Dewey Decimal Classification. Universal Decimal Classification. Knowledge Representation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Benin.....	19
Figura 2:DDC 23.....	27
Figura 3: Classe 200 Religiãoda CDD.....	31
Figura 4: CDU 2ª Edição Padrão Internacional em Língua Portuguesa.....	37
Figura 5: Exu.....	41
Figura 6: Ogum.....	42
Figura 7: Oxossi.....	43
Figura 8: Xaxará de Obaluaiê.....	44
Figura 9: Obaluaiê.....	41
Figura 10: Ossaim.....	45
Figura 11: Operê de Ossaim.....	46
Figura 12: Oxumarê.....	47
Figura 13: Nanã.....	48
Figura 14: Bastão de Nanã.....	49
Figura 15: Ewá.....	50
Figura 16: Oxum.....	51
Figura 17: Oyá.....	52
Figura 18:Yemanjá.....	54
Figura 19: Xangô.....	55
Figura 20: Oxaguiã.....	57
Figura 21: Ibeji.....	58
Figura 22: Irokô.....	59

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Maiores Sistemas de Organização do Conhecimento bibliográficos Universais ....	26
Quadro 2: Extrato do índice da CDD23 .....	28
Quadro 3: Classes principais da CDD23 .....	29
Quadro 4: Exemplo de hierarquia na CDD23 .....	30
Quadro 5: Classes principais da CDU .....	38
Quadro 6: Classe 200 Religião na CDD23 .....	60
Quadro 7: Classe 290 Religião comparada e outras religiões não cristãs .....	60
Quadro 8: Classe 299 outras religiões na CDD23 .....	61
Quadro 9: Classe 299.6 Religiões Originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes na CDD23 .....	61
Quadro 10: Classe 299.67 Cultos específicos na CDD2363 .....	61
Quadro 11: Classe 2 Religião. Teologia. na CDU .....	62
Quadro 12: Classe 25 Religiões da Antiguidade. Cultos e Religiões Menores na CDU .....	62
Quadro 13: Classe 259 Religiões de Outras Áreas .....	63
Quadro 14: Classe 259.4 Religiões de origem africana na CDU .....	63
Quadro 15: Hierarquia da classe 2-525.4 Vestes. Roupas. Paramentos .....	63

## SUMARIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NAÇÃO KETU</b> .....	17
<b>3 QUESTÃO ÉTICA EM ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO</b> .....	21
<b>4 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CDD E CDU</b> .....	25
4.1 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY – CDD.....	27
4.2 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL – CDU.....	35
<b>5 REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO</b> .....	39
5.1 REPRESENTAÇÃO DOS ORIXÁS E SUA INDUMENTÁRIA .....	40
5.1.1 Exu.....	40
5.1.2 Ogum.....	42
5.1.3 Oxóssi.....	43
5.1.4 Obaluaiê.....	44
5.1.5 Ossãe.....	45
5.1.6 Oxumaré.....	47
5.1.7 Nanã Buruquê .....	48
5.1.8 Ewá.....	49
5.1.9 Oxum .....	50
5.1.10 Oyá .....	51
5.1.11 Iemanjá .....	53
5.1.12 Xangô .....	55
5.1.13 Oxalá .....	56
5.15 Ibeji .....	58
5.16 Irokô .....	59
5.2 REPRESENTAÇÃO DA INDUMENTÁRIA DOS ORIXÁS DA NAÇÃO KETU NA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL CDU E NA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY CDD .....	60
5.2.1 Representação da Indumentária dos Orixás da Nação Ketu na CDD.....	60
5.2.2 Representação da Indumentária dos Orixás da Nação Ketu na CDU.....	62
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	65
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	66

## 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade global, de maneira geral, existe uma forte tendência em menosprezar o que não se conhece, acha-se por bem deixar a margem, dando menor importância ao assunto ou mesmo ignorando-a. Entre outros, por esse motivo, existem tantos conflitos religiosos também em nosso país principalmente no que diz respeito às religiões africanas. Mal que poderia ser evitado se a cultura africana fosse melhor representada, tornando-se acessível à todos.

As religiões de matrizes africanas encontram-se pouco contempladas atualmente em sua representação nos Sistemas de Organização do Conhecimento para recuperação da informação disponível, tais como os esquemas de Classificação Decimal de Dewey – CDD e Classificação Decimal Universal – CDU, e segundo o princípio da garantia de hospitalidade cultural esses e tantos outros saberes deveriam estar melhor integrados na representação do conhecimento nesses esquemas.

Este trabalho aborda parte dos costumes e cultura da Nação Ketu (Nação integrante das religiões de matrizes africanas, fortemente conhecida pela crença e culto aos Orixás).

O objetivo deste trabalho é analisar como está representado o conhecimento das religiões de matrizes africanas por meio da indumentária dos Orixás da Nação Ketu em Sistemas de Organização do Conhecimento, mais especificamente na CDD e na CDU, pois muito da cultura e religiões africanas são desconhecidas.

O interesse pelo tema surgiu inicialmente pela cultura africana e, posteriormente, a necessidade de representar os assuntos relacionados à mesma.

Na teoria da hospitalidade cultural, Beghtol (2002) introduziu os conceitos de hospitalidade cultural e de garantia cultural em contraposição aos conceitos de garantia literária e de hospitalidade temática, alertando para a necessidade dos sistemas de classificação, enquanto instrumentos de representação do conhecimento possuem uma estrutura flexível que se preste à inclusão de conceitos que reflitam a diversidade cultural (GUIMARÃES, PINHO, 2006, p. 6).

Já Garcia Gutierrez (2006), na Epistemografia Interativa, busca auxiliar na valorização dos conhecimentos marginalizados, ou seja, que estão ainda à margem, não se encontrando ainda, no rol dos saberes de que trata por exemplo a Epistemologia.

Enquanto Bibliotecário, valorizar, e tornar viável a visibilidade dos conhecimentos gerados e mantidos à margem do saber científico, também significa colaborar para uma sociedade mais cidadã e ética de forma imparcial e responsável, resguardando a liberdade de conhecer dos usuários.

Segundo Bastide (2002, p.19) há uma forte influência dos africanos em nosso dia a dia, seja na língua, nas artes, nos esportes e também nas religiões, portanto representá-los seria uma forma de contribuir ao menos em parte para a hospitalidade cultural.

Fazendo presente, vivos, esses saberes, por meio de representações e trabalhos, que visem à igualdade no tratamento e representação dos assuntos em nosso País e quiçá no mundo em que a religião africana muitas vezes não é respeitada, estudada e reconhecida.

A metodologia utilizada neste trabalho foi revisão de literatura, estudo exploratório e observação direta. A oralidade é uma característica muito marcante nas religiões de matrizes africanas, conhecimentos são transmitidos para os descendentes através dela ou para os novos integrantes de cada Nação, inclusive para preservação das tradições, então através de conversas com Ekedes que são as guardiãs dos Orixás em cada Casa ou Terreiro, que possuem conhecimento vastíssimo acerca dos orixás e suas características já que elas os auxiliam no Xirê, Visitas ao Terreiro e Festa de Iemanjá também fizeram parte dessa pesquisa.

É inquestionável a importância das religiões trazidas pelos negros que foram escravizados e ainda hoje nos influenciam cultural e religiosamente e a escolha pelo assunto estimula a reflexão sobre a importância de se buscar formas de bem representar essa área do saber e continuar disseminando os conhecimentos dos ancestrais para que as gerações vindouras também se apoderem dessa cultura que afinal lhes pertence.

Segundo Guimarães (2012, p.3) “os problemas de tendenciosidade na representação do conhecimento são encontrados desde o momento da criação de instrumentos e ferramentas de representação como também por parte de profissionais no momento de sua atuação profissional [...]”.

Esta pesquisa pode contribuir para a disseminação dos saberes advindos dos ancestrais africanos a fim de preservar sua memória e convidar a refletir à cerca da importância do trabalho do Bibliotecário com materiais sobre as religiões de África para que não se extingam.

A representação fidedigna, de maneira ética, colabora para manter vivo esse conhecimento, daí a relevância deste trabalho.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: a seção 2 trata das religiões de matrizes africanas, sua origem e dos yorubás. A seção 3 demonstra a importância das questões éticas ao representar o conhecimento principalmente em conhecimentos marginalizados. A seção 4 trata de alguns esquemas de organização do conhecimento. A seção 5 trata de Representação e Representação da indumentária dos Orishas da Nação Ketu. A seção 5.1 demonstra como está representada na CDU religiões de matriz africana e indumentária dos orishas. E por fim a seção 6 são as considerações finais.

## 2 RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: NAÇÃO KETU

Essa seção busca explicar o princípio das religiões de matrizes africanas, a Nação Ketu, sua importância e a necessidade de colaborar para que as gerações vindouras não percam o contato com essas que foram as religiões cultuadas pelos nossos ancestrais, os escravizados trazidos para o Brasil.

É difícil precisar a data em que a introdução dos escravos negros ocorreu no Brasil. O comércio de africanos na Europa data de quase meio século antes do descobrimento, e Portugal era sua sede. Portanto, a escravidão negra no Brasil é contemporânea à sua colonização, e ela manteve, nos primeiros tempos, a aparência portuguesa de fenômeno secundário, restrito ao serviço doméstico. Apareceu como um problema brasileiro da escassez de mão de obra para a lavoura e depois para o trabalho nas minas, na falta de índios, que sucumbiram ou ficavam sob a proteção dos jesuítas e assim criou-se um comércio de escravos diretamente com a África. O tráfico intenso já começou quase 50 anos depois do descobrimento com alguns navios que iam à África levar comerciantes (RODRIGUES, 2008 p.27-28).

Os povos escravizados trazidos para o Brasil trouxeram consigo, sua cultura e crenças, embora submetidos a todo tipo de maus tratos, cultuavam sua fé que ficou conhecida como culto aos orixás e logo recebeu o nome de candomblé.

Ainda para Rodrigues (2008, p.199), os nagôs ou iorubanos tem uma verdadeira mitologia, bastante complexa, com divinização dos elementos naturais e fenômenos meteorológicos.

Roger Bastide em sua obra “Os africanos no Brasil” relata suas vivências junto aos povos africanos em busca de conhecimento sobre o funcionamento das religiões africanas, afirma da necessidade de inserir naquela religião verdadeiramente, tornar-se parte para então compreendê-la de fato, como antropólogo conviveu com africanos durante muito tempo a fim de estudar suas crenças.

Segundo Tempo (2008, p.12)

[...] iniciado nos primeiros tempos da colonização, o tráfico teve como principal motivação a obtenção de mão-de-obra para a lavoura de cana-de-açúcar, algodão, fumo e, mais tarde, café, que constituiriam, por muito tempo, as fontes de renda quase exclusivas da colônia portuguesa.

Os principais povos africanos introduzidos no país foram os bantos, vindos de reinos situados nos territórios onde hoje ficam Angola e Congo, e que incluíam os povos chamados angolas, congos, cambindas, benguelas e cassanjes, entre outros. O Brasil recebeu também os iorubás (que viviam na região onde hoje ficam a Nigéria e o Benin), axantes (da Costa do Ouro), fulas, mandingas, haussás, fons jejes e pequenos contingentes de outros povos sudaneses.

Os Orixás eram cultuados Comoos deuses gregos eram cultuados na cultura Greco-romana. Cada ou Orixá representa uma forma presente na natureza, por isso são chamados também de Elementais.

Na religião de matriz africana popularmente conhecida como candomblé, acredita-se que cada pessoa possui um Orixáque o guarda que o rege e protegem, eles possuem características próprias que regem seu filho como são chamados os protegidos. Utilizam a expressão feitura da cabeça ou fazer a cabeça para as pessoas iniciadas nos cultos de candomblé.

Existem mais de 100 Orixás, entretanto os mais conhecidos e mais cultuados pelos africanos no Brasil são os que mais temos conhecimento atualmente e restaram muitas representações, apesar de os outros não menos importantes nas lendas ainda encontrarem-se presentes, ora como mãe, pai ou filhodealgum Orixá.

O candomblé no Brasil surgiu através da diáspora negra, ou seja , com tráfico de escravos negros oriundos de diversas cidades africanas. O candomblé como conhecemos hoje no Brasil não existe em outros países, pois devido a união de diversos escravos de diferentes regiões.

Numa mesma senzala, criou-se miscigenação de fundamentos dando origem ao candomblé que hoje se conhece. No Brasil uma roça de candomblé cultua vários orixás. Na África cada região cultua um determinado Orixá e na África cada região cultua um determinado orixá. Na África cada região cultua um Orixá e só inicia pessoa daquele Orixá. Portanto, a palavra candomblé foi uma forma de denominar as reuniões feitas pelos escravos para cultuar seus deuses porque também era comum chamar candomblé toda festa ou reunião de negros no Brasil. Por esse motivo, antigos babalorixás e Yalorixás evitavam chamar o culto dos Orixás de candomblé. Eles não queriam, com isso, serem confundidos com estas festas.

Com o passar do tempo a palavra Candomblé foi aceita e passou a definir um conjunto de cultos vindo de diversas regiões africanas. O culto aos orixás teve origem na África e foi trazida para o Brasil pelos negros iorubás. Seus deuses são os Orixás, apenas alguns são cultuados no nosso país: Exu , Ogum, Oxossi, Obaluaiê, Oxumarê, Nanã Buruquê, Xangô, Oyá, Oxum, Euá, Iemanjá, Logum Edé, Oxaguiam, Oxalufã entre outros.

Hoje, A palavra Candomblé possui 2 (dois) significados entre os pesquisadores: Candomblé seria uma modificação fonética de candonbé, um tipo de atabaque usado pelos negros de Angola; ou ainda, viria de candombidé, que quer dizer “ato de louvar, pedir por alguém ou por alguma coisa”. A palavra Candomblé define, no Brasil, o que chamamos de culto afro-brasileiro, ou seja: cultura africana em solo brasileiro A palavra Candomblé

também é usada para definir o modelo de cada tribo ou região africana, conforme alguns exemplos seguir:

Candomblé da Nação Ketu

Candomblé da Nação Jeje

Candomblé da Nação Angola(Fonseca Júnior, 1983, p.19)

Os grupos que falavam a língua yorubá entre eles os de Oyó, Abeokutá, Ijexá, Ebá e Benin vieram constituir uma forma de culto denominada de Candomblé da Nação Ketu. Ketu era uma cidade igual as demais, mas no Brasil passou a designar o culto de Candomblé da Nação Ketu ou Alaketu. A palavra “Nação” entra aí não para definir uma nação política, pois Nação Jeje não existia em termos políticos. O que é chamado de Nação Jeje é o Candomblé formado pelos povos vindos da região do Dahomé e formado pelos povos Mahin.

Os yorubás foram arrancados de sua região de origem, antiga região do Benin.



Figura 1: Benin  
Fonte: Fonseca Júnior, 1983.

Segundo Nina Rodrigues (2008, p.13) muitos yorubás eram encontrados nas ruas da Bahia.

Para Fonseca Junior (1983, p. 16) seriam do Congo os primeiros escravos negros que teriam entrado no Brasil, que traziam consigo suas tradições, mitos e culturas que iriam no futuro alterar a influência cultural colonialista.

O tráfico negro se intensifica a proporções estonteantes. Acreditamos em uma proporção de 8 milhões de almas africanas trazidas para o Brasil e aqui sepultadas (FONSECA JÚNIOR, 1983, p. 16).

Todos os povos desde os primórdios possuem suas crenças, sua fé em deuses (politeísmo) ou um só Deus (monoteísmo), e os africanos possuíam suas crenças quando foram trazidos ao Brasil através da escravização durante o processo de colonização.

Trouxeram consigo suas crenças, costumes, cultura em geral e a religião foi modificando para continuar viva e adaptando-se a nova realidade, entretanto, permaneceu viva entre os descendentes e ainda faz parte das religiões cultuadas no Brasil, principalmente na Bahia e em outros países.

Entre os povos africanos que chegaram ao Brasil, estavam yorubás, jejes, angolas entre outros. Então diversas nações estavam presentes no Brasil e crenças diversas, diferentes denominações que muito já se perdeu sobre elas e muito ainda vive através de pesquisadores brasileiros como Nina Rodrigues e de outras nacionalidades como Pierre Verger, Roger Bastide da França entre outros.

O povo nagô como também são chamados os yorubás viviam na região que hoje é a chamada Nigéria e cultuavam os orixás que são elementais da natureza com as denominações que conhecemos popularmente Oxum, Iemanjá, Oxóssi e outros.

Segundo Rodrigues (1983, p. 13), os povos foram espalhados entre Rio de Janeiro e Bahia, mas havia grande concentração na Bahia e lá se formaram grandes que ainda permanecem lá. Cada orixá era considerado uma divindade e possuía características próprias.

### **3ª QUESTÃO ÉTICA NA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES AFRICANAS**

Nesta seção abordamos a importância da ética no trabalho do Bibliotecário dando ênfase ao tratamento de assuntos marginalizados como é o caso das religiões de matrizes africanas que ainda sofrem preconceitos de natureza diversa, o que pode trazer prejuízo para a preservação dos saberes das religiões dos ancestrais.

A humanidade têm conhecido exemplos de indivíduos que buscaram a prática do diálogo inter-religioso, em todos os tempos. O indiano Mohandas

Karamchand Gandhi é considerado um dos maiores buscadores do diálogo entre as religiões, por sua atuação junto aos indianos (muçulmanos, hinduístas, parses, sikhs) e os missionários cristãos, nos trabalhos realizados em benefício dos pobres e durante suas atividades pela liberdade da Índia. A atitude de respeito, expressada por Gandhi, a todas as espécies de fé, e sua busca pela verdade contida nelas, conduzem-no a criticar a intolerância e resistir ao fanatismo. Para Gandhi, a verdade seria maior que qualquer religião e o diálogo interreligioso, o caminho certo para harmonia entre os povos. Ele considerava que a religião de uma pessoa era uma questão entre ela e seu Criador, pois “em matéria religiosa as crenças diferem, e cada uma é a suprema para quem nela crê” (Gandhi, 2009, p.378).

As religiões de matrizes africanas encontram-se pouco contempladas nos esquemas de organização do conhecimento.

As questões éticas na Biblioteconomia e Ciência da Informação permitem refletir sobre a exclusão de alguns assuntos dos sistemas de organização do conhecimento devido à questões culturais, políticas e culturais e são tratadas por alguns pesquisadores que relatam em seus trabalhos, a importância do profissional ser ético no que tange à informação por ele tratada, quando isso não ocorre, o sistema é apropriado apenas a uma menor extensão de indivíduos na cultura e segundo Miranda (2009) vários esquemas de classificação não são hospitalares o suficiente.

Segundo Guimarães e Pinho (2007) a ética na ORC é necessária para que o usuário tenha ciência dos documentos existentes e da diversidade dos assuntos e suas abordagens.

Isso revela que essa atividade não é meramente técnica, como se pensava antes, mas sim intelectual que exige por parte do profissional uma postura consciente e crítica, além de ser pleno conhecedor do âmbito histórico e social que envolve o conhecimento registrado e socializado (GUIMARÃES; PINHO, 2007, p. 8).

Segundo Guimarães (2002, p. 5) a partir de uma sistematização da literatura da área, os autores chegaram a um conjunto de valores necessários aos profissionais da informação:

- 1 O interesse do usuário vem primeiro.
- 2 prover serviços objetivamente sem influência de qualquer espécie. Esse valor reflete a garantia e objetividade do vocabulário controlado, além dos modelos e estruturas adotadas para a organização do conhecimento;
- 3 prover os usuários com a mais atual e precisa informação possível.
- 4 evitar a censura na seleção de materiais
- 5 Se algum tipo de censura ou filtro existe avisar ao usuário
- 6 separar a crença pessoal do trabalho profissional
- 7 manter a competência profissional

No primeiro item, se um usuário buscasse informação sobre indumentária dos orixás da Nação Ketu em uma biblioteca, por exemplo, o ideal seria que conseguisse facilmente encontrar o que procura, pois, o material estaria indexado de forma a atender bem os usuários, tendo sua representação claramente colocada para atendê-lo.

As religiões de matrizes africanas ainda sofrem preconceitos de ordens diversas e no tratamento das informações pertinentes a esses conhecimentos, seria primordial que houvesse também imparcialidade, não censura e o item 6 que diz separar a crença pessoal do trabalho.

Tratar com ética as religiões africanas é também buscar formas de melhor representá-las e incluí-las no rol das religiões já presentes nos sistemas de organização do conhecimento ou um sistema colaborativo que as contemple.

[...] É necessário levar em conta que tanto o sistema quanto o processo de representação devem estar imbuídos de uma preocupação com a utilidade e recomendação para determinado público. Assim, se estabelece o tema desta discussão, ou seja, os desafios que envolvem as pesquisas sobre a ética na representação do conhecimento, cuja necessidade de estudos relacionados a essa vertente foi sinalizada pela pesquisadora alemã Ingetraut Dahlberg, em 1992, instigando o desenvolvimento teórico tão necessário (GUIMARAES; PINHO 2007).

Para o profissional que trabalha com informação características como a imparcialidade são muito importantes, mas segundo Beghtol (2002) a garantia cultural reside na ideia de que um sistema de organização do conhecimento será o mais apropriado possível e útil para os indivíduos de uma cultura apenas se ele for baseado nas suposições, valores e predisposições dessa mesma cultura.

Para Miranda (2009)

É possível contribuir para a superação de lógicas e estratégias disciplinares que priorizam um saber/poder único e desconsideram as diferenças culturais. Ao mesmo tempo, julgamos ser viável superar preconceitos e discriminações nos sistemas de organização do conhecimento, investindo em ações de intercâmbio cultural entre pesquisadores e grupos em desvantagem social (no caso os afrodescendentes). A possibilidade de novas formas de representar a partir do conhecimento dos saberes milenares das culturas minoritárias resgata a autoestima dos afrodescendentes, fomenta o debate sobre a temática e estimula a criação de um fórum permanente, congregando diferentes autores do processo de construção de sistemas de organização do conhecimento (afrodescendentes, profissionais da informação e classificacionistas) (Miranda, 2009, p. 66).

Os desvios na representação do conhecimento podem tornar-se uma ameaça à sua recuperação.

Sabe-se que tanto o processo quanto os sistemas de representação do conhecimento não são neutros, uma vez que seus idealizadores impõem uma visão de mundo particular, refletindo posições ideológicas e políticas; além de que, representar conteúdos significa recortar e segmentar, resultando em uma tributação de hipóteses (JUDGE, 1981; RAFFERTY, 2001; LARA, 2002; OLSON, 2002; MAI, 2004; GUIMARÃES, 2006). Por isso, os desvios na representação do conhecimento podem influenciar na precisão e na recuperação da informação. Esses desvios (bias) da ORC são objeto de abordagem pela literatura anglo-saxônica da área de Ciência da Informação, notadamente, por autores como Foskett (1971), Berman (1993), Brey (1999) e Olson (2002) no âmbito da denominada *misrepresentation*, no que se refere à presença de questões subjetivas, ou mesmo discriminatórias, seja nas atividades ou nos instrumentos usados pelos indexadores (GUIMARÃES; PINHO 2008).

Além da visão de mundo de cada profissional responsável por representar a informação, e também da época e questões culturais em que cada sistema de representação foram construídos, há também questões políticas e preconceituosas que podem e devem ser vencidas através de discussões e propostas de novos modelos de representar tais conhecimentos.

A ética contribuiria para reforçar a importância de bem representar os conhecimentos deixados pelos ancestrais africanos a partir de Gutierrez (2006)

Assim, as contribuições para que os problemas que possam surgir sejam minimizados são as seguintes: a ética transcultural de mediação que considera a cultura como um sistema dialógico e interativo, superando visões dominantes e reducionistas; a hospitalidade cultural que possibilita a uma mesma notação bibliográfica agregar diversas garantias culturais; e o multilingüismo que referenda o tratamento igualitário entre as línguas envolvidas em um tesouro multilíngüe. Então, esses fatores auxiliam na compreensão de que a diversidade cultural deve ser representada de forma a garantir a identidade de cada uma, não através de confrontos, mas da aceitação e diálogo (GUTIERREZ, 2006).

Assim, Beghtol (2002) apresenta como solução o uso da hospitalidade cultural.

Apresenta como solução o uso do princípio da hospitalidade cultural, de maneira que as notações utilizadas nos esquemas de classificação para representar e organizar o conhecimento tenham a habilidade de “admitir novos conceitos apropriadamente e acomodá-los nas relações corretas com outros conceitos” (BEGHTOL, 2002).

O período em que foram construídos os esquemas de organização dos conhecimentos e questões culturais de cada país, de cada povo, influenciam em sua abordagem, mas o Bibliotecário tem o compromisso de disseminar informação e fazê-lo de forma fidedigna, então ao longo do tempo trocas e discussões acerca dos assuntos a serem abordados nos esquemas de organização e a constante preocupação em reestruturá-los faz parte de suas atividades e permite que assuntos outrora marginalizados, possam vir a integrá-los.

## 4SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO BIBLIOGRÁFICOS: CDD E CDU

Os sistemas de organização do conhecimento (SOC) utilizados nos sistemas de recuperação da informação, segundo Miranda (2005, p.117) são apresentados em uma taxonomia a partir do universo do conhecimento.

Os **sistemas de organização do conhecimento** podem ser considerados linguagens de indexação.

As linguagens de indexação podem ser naturais ou artificiais, quando artificiais são denominadas linguagens documentárias. Quanto à forma de apresentação dos assuntos e conceitos as linguagens documentárias podem ser alfabéticas ou notacionais; e, sob o aspecto da coordenação dos termos, elas podem ser pré-coordenadas ou pós-coordenadas. Quanto ao controle de seus termos podem ser livres ou controladas e quanto à estrutura podem ser hierárquicas, combinatórias e sintáticas.

Os **sistemas de organização do conhecimento filosóficos** são aqueles nos quais os filósofos, logicistas e lexicógrafos usaram a classificação para o entendimento e análise do conhecimento e interpretaram o significado da classificação de forma diferente, definindo classificação como classificação do conhecimento.

Os **sistemas de organização do conhecimento científico** são aqueles criados pelos cientistas com a finalidade de sistematizar suas descobertas e classificar os fenômenos e objetos de suas ciências visando uma auto-organização da ciência na qual atuavam. A história da classificação do conhecimento acompanha par e passo a história das ciências. A classificação de Linneu é um exemplo deste tipo de sistema de organização do conhecimento.

Os **sistemas de organização do conhecimento bibliográficos** surgiram para serem aplicados ao arranjo de livros nas estantes: No princípio eram sem notações, mas, devido ao crescente volume de livros começaram a ser criados com notação. Estes tipos de sistemas de organização do conhecimento são mais conhecidos como esquemas de classificação

Os sistemas alfabéticos de organização do conhecimento dispõem seus termos alfabeticamente sem a preocupação com uma sistematização dos conceitos como os Dicionários, os *Gazetteers*, os Glossários e as Listas de Cabeçalho de Assunto.

Os **sistemas alfabéticos-sistemáticos de organização do conhecimento** são aqueles que apresentam os termos dispostos alfabeticamente, mas que em cada entrada dispõe uma sistematização desses termos a partir das definições dos conceitos. O tesouro moderno, baseado em conceitos, é um exemplo de SOC alfabético-sistemático.

Os **sistemas inferenciais de organização do conhecimento** são sistemas de organização do conhecimento aqueles que através de regras lógicas de raciocínio permitem a organização automática de domínios do conhecimento, como é o caso das ontologias, das redes semânticas, dos sistemas especialistas e das redes neurais (MIRANDA, 2005, p.117).

Nesta seção, abordamos de forma genérica alguns esquemas de organização do conhecimento, destacando sua importância até os dias atuais, para os Bibliotecários, mas também para a sociedade de uma maneira geral, vêm colaborando para as pesquisas, para a recuperação da informação como um todo ao longo do tempo.

Lesk, (1997) afirma que não existe um único SOC com o qual todos concordem, mas especula que um único seria vantajoso, porém seria improvável que tal sistema fosse desenvolvido. A questão cultural pode limitar um sistema de organização do conhecimento de forma que o que é significativo para uma cultura pode não ser necessariamente significativo para outra.

O direito de acesso aos registros do conhecimento possibilita que o indivíduo possa desenvolver suas atividades. A organização desses registros, e a própria organização do conhecimento, surge como um campo de estudos para resolver os problemas de ordenação e ao acesso ao conhecimento. O ser humano inicia as tentativas de organizar o conhecimento desde os primórdios da sua própria existência, transformando as formas de sociabilidade essas relações. Portanto organizar e representar não são uma necessidade atual, mas sim, uma preocupação que surge com a própria evolução da sociedade, que anseia pelo compartilhamento, decifração e uso do conhecimento registrado (PINHO, 2006 p.7)

Para Miranda (2005, p. 125) após o desenvolvimento da teoria de Ranganathan outros sistemas de organização do conhecimento bibliográficos foram criados para atender às demandas de áreas específicas do conhecimento. Com o passar do tempo sete se firmaram e são utilizados até hoje sendo considerados os maiores sistemas de organização do conhecimento bibliográficos universais.

<b>SOC</b>	<b>ANO</b>	<b>CLASSIFICACIONISTA</b>
Classificação Decimal de Dewey	1876	Melvil Dewey
Classificação Expansiva de Cutter	1891-1903	Charles Ammi Cutter
Classificação da Biblioteca do Congresso	1902	Biblioteca do Congresso
Classificação Decimal Universal	1905	FID
Classificação de Assunto de Brown	1906	James Duff Brown
Colon Classification	1933	S. R. Ranganathan
Classificação Bibliográfica de Bliss	1935	H. E. Bliss

Quadro 1: Maiores Sistemas de Organização do Conhecimento Bibliográficos Universais.  
Fonte: Kaula, 1984, p.39.

Neste trabalho estudaremos a CDD e a CDU, devido ao fato de serem os esquemas de classificação mais utilizados no Brasil.

#### 4.1 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY – CDD

A CDD foi concebida por Melvil Dewey em 1873 e trazida a público pela primeira vez em 1876. A Classificação Decimal de Dewey é o sistema biblioteconômico de classificação mais utilizado em todo o mundo. É adotado em mais de 135 países e foi traduzido para mais de trinta línguas. Nos Estados Unidos, 95% de todas as bibliotecas públicas e escolares, 25% de todas as bibliotecas das faculdades e universidades e 20% das bibliotecas especiais utilizam a CDD (Dewey, 2011, p. 21).

A CDD é desenvolvida, mantida e aplicada pela Divisão de Classificação Decimal da Biblioteca do Congresso (LC), onde, anualmente, mais de 110.000 números são atribuídos aos textos catalogados pela Biblioteca. Os números da CDD são incorporados em registros bibliográficos de catalogação legíveis por computador (MARC) e distribuídos às bibliotecas por meios de comunicação computadorizados, dados de Catalogação-na-Publicação [*Cataloging-in-Publication*] (CIP) e fichas da LC. Os números da CDD figuram nos registros MARC emitidos por países do mundo inteiro e são utilizados nas bibliografias nacionais da África do Sul, Austrália, Botsuana, Brasil, Canadá, Filipinas, Índia, Indonésia, Islândia, Itália, Namíbia, Noruega, Nova Zelândia, Papua Nova Guiné, Paquistão, Reino Unido, Turquia, Venezuela, Zimbábue e outros países. Diversas empresas e serviços bibliográficos dos Estados Unidos e outros locais colocam os números da CDD à disposição das bibliotecas através do acesso a centrais de computadores [*on-line*] e mediante publicações e produção de fichas de catalogação (Dewey, 2011, p. 22).

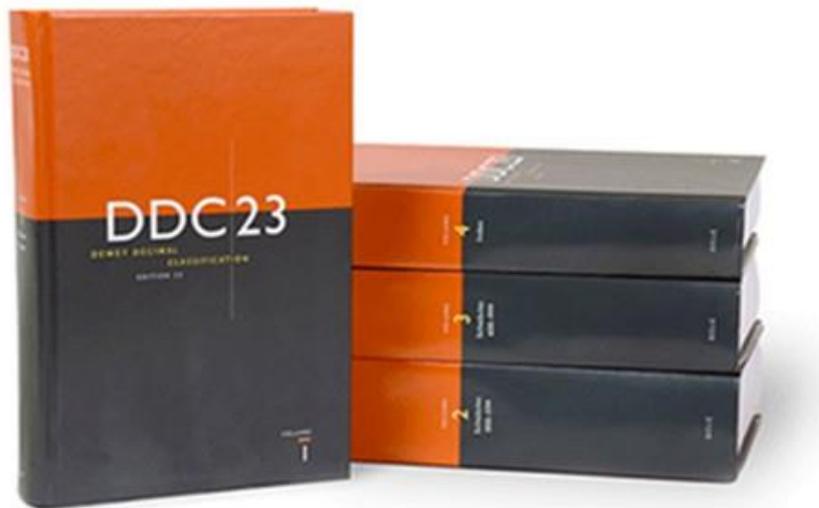


Figura 2 DDC 23  
Fonte: OCLC, 2016.

Na CDD, as classes fundamentais são organizadas por disciplinas ou campos de estudo. Nenhum princípio é mais fundamental para a CDD do que este: as partes da Classificação são dispostas por *disciplina*, e não por *assunto* (Dewey, 2011, p. 23).

Isso significa que um assunto poderá aparecer em qualquer disciplina. Por exemplo, “vestuário” tem aspectos que se incluem em diversas disciplinas. A influência psicológica do vestuário é classificada no item 155.95 como parte da disciplina “psicologia”; os costumes associados ao vestuário classificam-se em 391, como parte da disciplina “costumes”; e, na acepção de criação da moda, vestuário classifica-se em 746.92, como parte da disciplina “artes”. O Índice Relativo reúne os aspectos disciplinares do tema “vestuário” num só lugar (Dewey, 2011, p. 21):

Vestuário	391
artes	746.92
costura doméstica	646.4
costumes	391
couro	685.22
economia doméstica	646.3
fabricação comercial	687
peles	685.24
forças armadas	355.81
uniformes	355.14
influência psicológica	155.95
previdência social	361.05
saúde	613.482
segurança do produto	363.19
legislação	344.042 35
<i>ver também Segurança do produto</i>	
<i>ver o Manual em 391 vs. 646.3,</i>	
<i>746.92</i>	

Quadro 2: Extrato do índice da CDD23  
Fonte: Dewey, 2011.

No nível mais geral, a CDD é dividida em dez *classes principais*, que abrangem, em conjunto, a totalidade do mundo do saber. Essas classes são depois divididas em dez *divisões*, e cada divisão, em dez *seções*, embora nem todos os números das divisões e das seções tenham sido usados. (A palavra *classe* pode ser usada para indicar classes principais, divisões, seções e qualquer outro nível de notação na hierarquia.) (Dewey, 2011, p. 23).

As dez classes principais são:

000	Generalidades
100	Filosofia, fenômenos paranormais, Psicologia
200	Religião
300	Ciências Sociais
400	Linguagem
500	Ciências Naturais e Matemática
600	Tecnologia (Ciências Aplicadas)

700	Artes, Belas-artes e Artes Decorativas
800	Literatura (Belas-letras) e Retórica
900	Geografia, História e Disciplinas afins

Quadro3: Classes principais da CDD23. Fonte: Dewey, 2011.

A classe principal 000 é a mais geral, sendo utilizada com obras que não se restrinjam a nenhuma disciplina específica, como enciclopédias, jornais e periódicos em geral. Essa classe também é usada para algumas disciplinas especializadas que lidam com o conhecimento e a informação, como a ciência da computação, a ciência biblioteconômica e da informação e o jornalismo. Cada uma das classes principais 100-900 consiste numa grande disciplina ou conjunto de disciplinas afins.

O primeiro algarismo dos números listados acima indica a classe principal. Os zeros são empregados para completar a notação até a extensão mínima obrigatória de três algarismos.

Cada classe principal consiste em dez divisões, também numeradas de 0 a 9. O número de algarismos significativos, nesse caso, são dois, e o segundo deles indica a divisão. Por exemplo, 500 é usado para obras gerais sobre ciências, 510 para a matemática, 520 para a astronomia e 530 para a física.

Cada divisão tem dez seções, também numeradas de 0 a 9. O terceiro algarismo de cada número de três dígitos indica a seção. Assim, 530 é usado para as obras gerais de física, 531 para a mecânica clássica, 532 para a mecânica dos líquidos e 533 para a mecânica dos gases.

Um ponto decimal é colocado após o terceiro algarismo, depois do qual prossegue a divisão por dez até o grau específico de classificação que se fizer necessário.

A *hierarquia*, na CDD, expressa-se através da estrutura e da notação. A *hierarquia estrutural* significa que todos os tópicos (excetuadas as dez classes principais) são subordinados aos tópicos mais gerais acima deles e constituem parte integrante destes. Também se confirma o corolário: tudo o que é válido em relação ao todo é válido em relação às partes. Esse importante conceito é às vezes chamado de *força hierárquica*. Qualquer nota referente à natureza de uma classe aplica-se a todas as classes subordinadas, inclusive aos temas logicamente subordinados que são classificados em números coordenados.

A *hierarquia notacional* é expressa pela extensão da notação. Como mostra o exemplo abaixo, os números de qualquer nível costumam estar *subordinados* às classes cuja notação tem um algarismo a menos, *coordenados* com as classes cuja notação tem o mesmo número de algarismos significativos, e costumam *reger* as classes com números que tenham um ou

mais algarismos adicionais (Dewey, 2011, p. 27). Os algarismos sublinhados no exemplo abaixo demonstram essa hierarquia de notações:

<u>600</u>	Tecnologia (Ciências aplicadas)
<u>630</u>	Agricultura e tecnologias afins
<u>636</u>	Criação de animais
<u>636.7</u>	Cães
<u>636.8</u>	Gatos.

Quadro 4: Exemplo de hierarquia na CDD23.

Fonte: Dewey, 2011.

“Cães” e “Gatos” são mais específicos do que (estão subordinados a) “Criação de animais”; são igualmente específicos entre si (e coordenados um com o outro); e “Criação de animais” é menos específico do que (e superior a) “Cães” e “Gatos”.

Ocasionalmente, é preciso usar outros dispositivos para expressar a hierarquia, quando não é possível ou desejável fazê-lo através da notação.

As relações entre os tópicos que rompem a hierarquia de notações são indicadas por cabeçalhos, notas e verbetes especiais. Usa-se um cabeçalho duplo quando um tema subordinado é a parte principal do assunto; o assunto como um todo e o tema subordinado como um todo compartilham o mesmo número (por exemplo, 610 Ciências Médicas Medicina).

A referência “ver” leva o classificador às subdivisões de um assunto que estejam localizadas fora da hierarquia de notações.

O verbete centralizado (assim chamado porque seus números, cabeçalho e notas aparecem no centro da página) constitui um desvio significativo da hierarquia de notações. É utilizado para indicar e relacionar estruturalmente um par de números que, juntos, formam um único conceito, para o qual não existe uma notação hierárquica específica. Na CDD, os verbetes centralizados são sempre tipograficamente assinalados pelo símbolo > na coluna dos números (Dewey, 2011, p. 25).

A OCLC publicou a Classe 200, edição da CDD para ser utilizada por bibliotecas especializadas em religião, incluindo uma versão atualizada da classe 200 apresentando um esquema específico e um manual com notas instruindo o seu uso; um índice atualizado e expandido da Classe 200 e a classe 170 Ética.

Há algum tempo, a equipe da OCLC vem explorando o desenvolvimento de uma visão alternativa da Religião para reduzir o viés cristão na seqüência de notação padrão para a Bíblia e religiões específicas.

Em cooperação com a Professora Ia C. McIlwaine (University College London e ex-editora-chefe da Classificação Decimal Universal – UDC), a Equipe da OCLC também preparou uma visão cronológica / regional da Bíblia e religiões específicas com base em um desenvolvimento semelhante introduzido na CDU no ano 2000. O novo arranjo opcional aparece no Apêndice A da versão impressa de 200 Classe Religião e em uma nova nota no Manual nas classes 220-290. E apresentaram também um arranjo opcional para a Bíblia e religiões específicas no WebDewey.

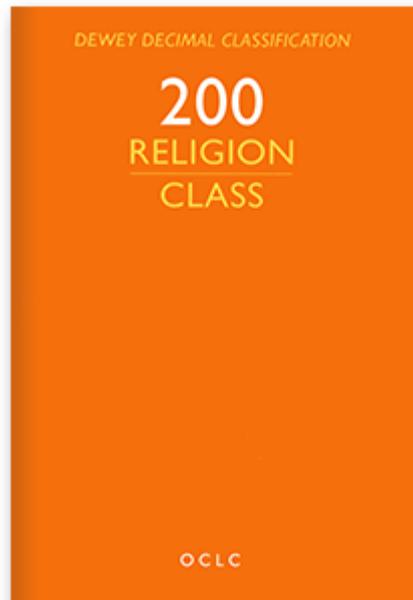


Figura 3: Classe 200 Religião da CDD.  
Fonte: OCLC, 2017.

Apresentamos abaixo a estrutura da Classe 200 Religião, da CDD.

200.93 Religions of Antiquity

201.42 Prehistoric religions

220 Bible

221 Old Testament

222 Historical Books of Old Testament

223 Poetic Books of Old Testament

224 Prophetic Books of Old Testament-

225 New Testament

226 Gospels and Acts

227 Epistles

228 Revelation (Apocalypse)

229 Apocrypha, pseudepigrapha, intertestamental works

230-280 Christianity

230 Christian doctrinal theology

231 God

232 Jesus Christ and his family

233 Humankind

234 Salvation and grace

235 Spiritual beings

236 Eschatology

- 238Creeds, confessions of faith, covenants, catechisms
- 239Apologetics and polemics
  
- 240Christian moral and devotional theology
- 241Christian ethics
- 242Devotional literature
- 243Evangelistic writings for individuals and families
- 246Use of art in Christianity
- 247Church furnishings and related articles
- 248Christian experience, practice, life
- 249Christian observances in family life
  
- 250Local Christian church and Christian religious orders
- 251Preaching (Homiletics)
- 252Texts of sermons
- 253Pastoral office and work (Pastoral theology)
- 254Parish administration
- 255Religious congregations and orders
- 259Pastoral care of families, of specific groups of people
  
- 260Christian social and ecclesiastical theology
- 261Social theology and interreligious relations and attitudes
- 262Ecclesiology
- 263Days, times, places of religious observance
- 264Public worship
- 265Sacraments, other rites and acts
- 266Missions
- 267Associations for religious work
- 268Religious education
- 269Spiritual renewal
  
- 270History, geographic treatment, biography of Christianity
- 271Religious congregations and orders in church history
- 272Persecutions in general church history
- 273Doctrinal controversies and heresies in general church history
  - 274–279Christianity by specific continents, countries, localities in modern world
- 274Christianity in Europe
- 275Christianity in Asia
- 276Christianity in Africa
- 277Christianity in North America
- 278Christianity in South America
- 279Christianity in Australasia, Pacific Ocean islands, Atlantic Ocean islands, Arctic islands, Antarctica-
  
- 280Denominations and sects of Christian church
- 281Early church and Eastern churches
- 282Roman Catholic Church
- 283Anglican churches
- 284Protestant denominations of Continental origin and related bodies
- 285Presbyterian churches, Reformed churches centered in America, Congregational churches, Puritanism
- 286Baptist, Restoration movement, Adventist churches
- 287Methodist churches; churches related to Methodism
- 289Other denominations and sects
  
- 292Classical religion (Greek and Roman religion)
- 293Germanic religion
- 294 Religions of Indic origin
- 294.5Hinduism

- 294.4Jainism
- 294.3Buddhism
- 294.6Sikhism2
- 295Zoroastrianism-
- 296Judaism
  - 296.1Sources
  - 296.3Theology, ethics, views of social issues
  - 296.4Traditions, rites, public services
  - 296.6Leaders, organization, religious education, outreach activity
  - 296.7Religious experience, life, practice
  - 296.8 Denominations and movements
- 297 Islam
  - 297.1Sources of Islam
  - 297.2Islamic doctrinal theology ('Aqā'id and Kalām); Islam and secular disciplines; Islam and other systems of belief
  - 297.3Islamic worship
  - 297.4Sufism (Islamic mysticism)
  - 297.5Islamic ethics and religious experience, life, practice
  - 297.6Islamic leaders and organization
  - 297.7Protection and propagation of Islam
  - 297.8Islamic sects and reform movements
  - 297.9 Babism and Baha'i Faith
- 299.15 Iranian/Persian religions
- 299.16Celtic religion
- 299.17 – 299.18Slavic religions
  - 299.17Religions of East Slavs
  - 299.18Religions of Slavs
  - 299.19Baltic and other Indo-European religions
- 299.2Semitic religions
  - 299.31 Ancient Egyptian religion
  - 299.5 Religions of East and Southeast Asian origin
    - 299.51 Religions of Chinese origin
      - 299.514Taoism
      - 299.512Confucianism
    - 299.54Religions of Tibetan origin-
    - 299.56Religions of Japanese and Ryukyuan origin
      - 299.561Shinto
    - 299.57Religions of Korean origin
    - 299.58Religions of Burmese origin
    - 299.59Religions of miscellaneous southeast Asian origin
  - 299.6 Religions originating among Black Africans
    - 299.7-299.8 Religions of North and South American native origin
      - 299.7Religions of North American native origin
      - 299.8 Religions of South American native origin

299.92 Religions of Papuan, Australian, Malayo-Polynesian and related ethnic origins

299.9212 Papuan religions

299.9215 Aboriginal Australian religions

299.922 Malayo-Polynesian and related religions

299.923 Malagasy religions

299.924 Polynesian religions

299.925 Melanesian religions

299.929 Etruscan religion

299.9292 Basque religion

299.9293 Elamite religions

299.9295 Sumerian religions

299.9296 Caucasian religions

299.93 Modern spiritual movements

299.932 Gnosticism

299.933 Subud

299.934 Theosophy

299.935 Anthroposophy

299.936 Scientology

299.94 Modern paganism, neopaganism, wicca

Embora a OCLC tenha expandido a Classe 200 e publicado numa edição à parte, podemos perceber por meio da estrutura classificatória acima discriminada, que apesar de algumas religiões terem ganhado visibilidade, aquelas de matrizes africanas continuam no obscurantismo, ou seja, continuam não sendo representadas adequadamente, e, conseqüentemente nem a sua indumentária.

#### 4.2 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL – CDU

A primeira edição da CDU foi publicada como “Manuel du Répertoire Bibliographique Universel”. A segunda edição foi publicada de 1927-1933, já com o nome de “Classification Décimale Universelle”. Essa edição francesa, continuamente atualizada, tornou-se a Edição-Mestra até 1993, quando foi substituída pela Edição Padrão Internacional, também conhecida como MRF – Master Reference File, um arquivo mestre de referência em CD/ISIS, base para todas as edições médias (UDC Consortium, 2007).

Em 1895 realizou-se em Bruxelas a *Conferência Internacional de Bibliografia*. Dessa Conferência nasceram duas organizações: o *Instituto Internacional de Bibliografia* (IIB) e o *Repertório Bibliográfico Universal* (R.B.U.). Os belgas Paul-Marie-Ghislain Otlet (1868-1944) advogado e Henry-Marie La Fontaine (1854-1943) cientista político, foram encarregados de organizar as bases do IIB e do R.B.U. (UDC Consortium, 2007).

Otlet & La Fontaine com preocupações em organizar o R.B.U., consultaram, no final do séc. XIX, o classificacionista M. Dewey, para a utilização de seu esquema de classificação - CDD, 5.ed. - com a finalidade de adotarem a CDD para solucionar o problema da organização do R.B.U., onde obtiveram autorização, observando que não poderiam modificar a estrutura do esquema (UDC Consortium, 2007).

Então, decidiu-se adotar a CDD como base, por considerarem a mais adequada para a compilação e organização de uma bibliografia universal que, abrangendo todos os assuntos, em todas as línguas e todos os períodos da história da humanidade, seria bem compreendida por todos (UDC Consortium, 2007).

Em 1920 quando era comemorado o 25º aniversário do IIB, já existiam 12 milhões de fichas.No ano de 1931, o IIB, passou a se chamar *Instituto Internacional de Documentação* (IID).Já em 1937, no Congresso Mundial de Documentação, na França, o IID foi reconhecido como autoridade internacional na área de Documentação e devido a seu caráter federativo passou a denominar-se *Federação Internacional de Documentação* (FID), depois *Federação Internacional de Informação e Documentação* (FID), acompanhando o avanço da área e hoje extinta (UDC Consortium, 2007).

A FID tinha como objetivos facilitar e incrementar a pesquisa no âmbito da Informação e da Documentação; agrupar pessoas físicas e jurídicas com interesse pela Informação e Documentação, coordenando esforços; e divulgar a CDU, que continuava sendo sua principal atividade (UDC Consortium, 2007).

A CDU durante muito tempo foi desenvolvida e divulgada pela FID através dos anos nas suas mais diferentes edições: desenvolvida, média, abreviada, especial.No Brasil, a atuação na CDU data de 1899, época em que o Dr. Juliano Moreira fazia parte do IIB, como membro representante do nosso país. Já em 1890, Oswaldo Cruz introduziu a Classificação de Bruxelas (CDU) no Instituto de Manguinhos, atualFundação Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), onde até hoje é utilizada.(UDC Consortium, 2007).

A CDU no Brasil está sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que em 1955, então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), já era membro da FID e seu órgão nacional no Brasil. E desde então, ficou estabelecida a Comissão Brasileira da Classificação Decimal Universal, que dentre outras, possui a finalidade de difundir a CDU no Brasil e na América Latina (UDC Consortium, 2007).

A Classificação Decimal Universal caracteriza-se como um instrumento de representação/recuperação da informação e, conseqüentemente, de organização do conhecimento humano registrado em sistemas de recuperação da informação. E como tal,

assim como os outros tipos de linguagens documentárias (CDD, Tesouros, Terminologias, Listas de Cabeçalhos de Assunto) utilizadas no âmbito biblioteconômico, tem a finalidade de estabelecer uma comunicação entre os registros do conhecimento humano armazenados numa unidade de informação e os usuários da mesma, facilitando a localização, identificação, armazenamento e recuperação de um item documentário, bem como a orientação do usuário no que tange ao mapeamento de um micro ou macro assunto dentro de uma área de conhecimento, e ainda a sistematização do conteúdo destes itens documentários a serem representados pelos profissionais da informação.

Os esquemas de classificação, assim como quaisquer outros sistemas de organização do conhecimento, devem estar em permanente atualização, pois o grande fluxo de produção do conhecimento se mostra avassalador e o grande problema que encontramos é justamente o fato desses sistemas não acompanharem esta maciça produção de conhecimentos.

Em 1992, todos os direitos e responsabilidades civis pela CDU foram transferidos para o Consórcio CDU, formado por instituições de informação e normalização da Bélgica, Espanha, Países Baixos, Reino Unido e Japão, além da própria FID, que depois foi extinta (UDC Consortium, 2007).

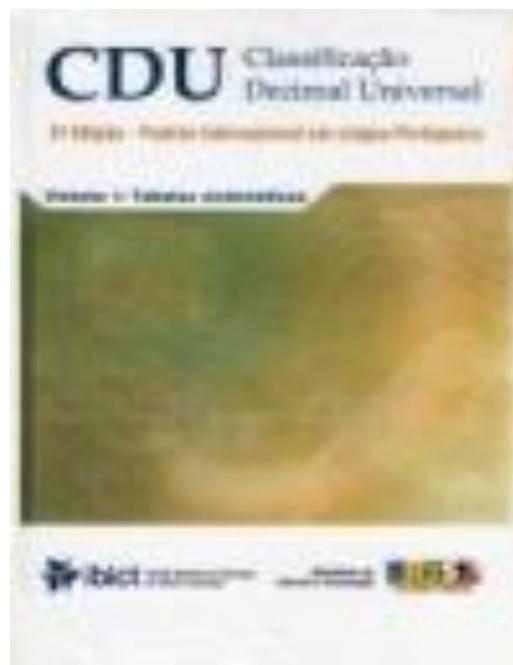


Figura 4: CDU 2ª. Edição Padrão Internacional em Língua Portuguesa  
Fonte: [www.ibict.br](http://www.ibict.br)

Atualmente, no Brasil, a última edição que utilizamos é a 2ª edição padrão internacional em língua portuguesa publicada em 2007, pelo IBICT, traduzida e adaptada da edição inglesa de 1995, do arquivo mestre fornecido pelo Consórcio CDU.

A CDU é dotada de uma estrutura que possui a habilidade de representar por símbolos, não apenas os assuntos simples, como também as diversas relações entre os diversos assuntos. Sua estrutura é hierárquica na qual o conhecimento humano registrado aparece organizado em dez classes principais.

A notação é o código que representa os conceitos num esquema de classificação e que, em geral, expressa sua ordenação. Na CDU a notação é mista, pois utiliza números arábicos, sinais gráficos, símbolos e letras,

A CDU constitui-se de Tabela Principal e de Tabelas Auxiliares.

0	Generalidades
1	Filosofia. Psicologia
2	Religião. Teologia.
3	Ciências Sociais
4	Classe atualmente não usada.
5	Ciências Exatas. Ciências Naturais
6	Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia.
7	Arte. Arquitetura. Recreação e Desporto.
8	Linguística. Língua. Literatura.
9	Geografia. Biografia. História.

Quadro 5: Classes principais da CDU.

Fonte: UDC Consortium, 2007.

A estrutura de classe principal da CDU é como na CDD e os números decimais além de indicadores de facetas especiais são utilizados.

Segundo Langridge (2006) é parcialmente expressiva. A hospitalidade é alcançada por uma grande quantidade de síntese e uso do princípio decimal. É mnemônica em grande escala, mas com excessiva quantidade de redundância. Difícil de adaptar para uso em computador.

Religião está na classe 2. É possível incluir novos assuntos nessas classes.

A Religião africana na CDU está representada da seguinte forma:

259.4 Religiões africanas

259.42 Yorubá

## 5 REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Nesse tópico tratamos da representação nas diferentes áreas do conhecimento, a representação se faz presente. Em Biblioteconomia não é diferente, e como bibliotecários se faz necessário que conheçamos as mais diversas formas de representar o conhecimento e utilizarmos as ferramentas que tivermos a fim de disseminar informação e não permitir que se percam ou não cheguem de maneira aprazível aos usuários.

Representar segundo GIL (2000, p.13),

De doutrina para doutrina são frequentes os deslizes de sentido, à representação ligam-se outros problemas e as teorias organizam, cada uma a sua maneira, os modos de representação. Estes são múltiplos e o seu alcance pode variar. (GIL, 2000, p. 13)

As palavras apresentar, apresentação, presentificar, projetar, projeção, projetivo, exprimir, expressão, expressivo, exprimível, entre expressão, simular, simulação, simulador, simulacro, imitar, imitação, imitar, imitável, mimar, mimetismo, mímica, refletir, reflexão, reflexo, reflexividade, imprimir, impressão, impresso, imagem, imaginação, imaginário o conjunto destas palavras com outras como substituir, exhibir, manifestar, copiar, perceber, formam a instância da representação (GIL ,2000, p.13)

[...]Por definição, a representação testemunha uma eficácia daquilo que é representado sobre o representante. Mas ela é igualmente o produto da atividade construtiva do sujeito: Mesmo a receptividade da sensibilidade se acha submetida a regras (Kant, crítica da razão pura, A52, B76).

Em todas as formas de representação uma coisa se encontra no lugar de outra, representar significa ser o outro que a representação, num mesmo movimento, convoca e revoca. Reteremos esta significação como uma determinação mínima. O representante é um duplo do representado. É por aí que a representação se designa como formando o cerne do pensamento. Pensa-se com ideias e tal como assinala Descartes, sendo as ideias como imagens, não pode haver nenhuma que não nos pareça representar qualquer coisa. (Meditação III)

## 5.1 REPRESENTAÇÃO DOS ORIXÁS, SUA INDUMENTÁRIA E CARACTERÍSTICAS.

Nesta seção tratamos de cada um dos Orixás abordados neste trabalho: Exu, Ogun, Oxóssi, Obaluyaiê, Ossain, Oxumaré, Nanã, Ewá, Oxum, Oyá, Yemanjá, Xangô, Oxalá, Ibeji, Irocô, apresentando sua mitologia, características e indumentárias.

### 5.1.1 Exu

Exu é considerado no candomblé um mensageiro entre os mundos, Deus da procriação.

Usa vestes em vermelho, azul marinho e branco, chapéu de couro, facão, contas, búzios, filá que são contas para esconder o rosto

Ferramentas e armas: Apresenta-se com um falo gigantesco que representa a procriação, punhais, tridentes, pólvora, facas, e um tronco.

Saudação: Laroê Esú

Cores: Preto (fusão das cores primárias e vermelhas)

Símbolos: Ogó de forma fálica, falo ereto que representa a sexualidade.

Elementos: Terra e fogo.

Domínios: Sexo, magia, união, poder e transformação.

Exu é a figura mais controversa do panteão africano, o mais humano dos orixás, senhor do princípio e da transformação. Deus da terra e do universo; na verdade, Exu é a ordem, aquele que se multiplica e se transforma na unidade elementar da existência humana. Exu é o ego de cada ser, o grande companheiro do homem no seu dia-a-dia.

Muitas são as confusões e equívocos relacionados com Exu, o pior deles associa-o à figura do Diabo cristão; pintam-no como um deus voltado para a maldade, para a perversidade, que se ocuparia em semear a discórdia entre os seres humanos. Na realidade, Exu contém em si todas as contradições e conflitos inerentes ao ser humano. Exu não é totalmente bom nem totalmente mau, assim como o homem: um ser capaz de amar e odiar, unir e separar, promover a paz e a guerra.

A cultura africana desconhece oposições, em especial a oposição entre bem e mal; sabe-se aqui que o bem de um pode perfeitamente ser o mal de outro, portanto, cada um deve dar o melhor de si para obter tudo de bom na sua vida, sempre cultuando, agradando e

agradecendo a Exu, para que ele seja, no seu cotidiano, a manifestação do amor, da sorte, da riqueza e da prosperidade.



Figura 5: Exu

Fonte:<<http://suamidosun.blogspot.com>>.

Exu é o orixá que entende como ninguém o princípio da reciprocidade, e, se agradado como se deve, saberá retribuir; quando agradado pela sua retribuição, torna-se amigo e fiel escudeiro. No entanto, quando esquecido é o pior dos inimigos e volta-se contra o negligente, tirando-lhe a sorte, fechando-lhe os caminhos e trazendo catástrofes e dissabores.

Exu é a figura mais importante da cultura iorubá. Sem ele o mundo não faria sentido, pois só através dele é que se chega aos demais orixás e ao Deus Supremo Olodumaré. Exu fala toda as línguas e permite a comunicação entre o orum e o aiê, entre os orixás e os homens.

Ele é o dono do mercado, o seu guardião, por isso todo o comerciante e aqueles que lidam com venda devem agradá-lo. As vendedoras de acarajé, por exemplo, oferecem sempre o primeiro bolinho a Exu, atirando-o à rua, não só para vender bem, mas também para afastar as perturbações, evitar assaltos, ou seja, para que Exu seja de fato um guardião e proteja o seu negócio.

É importante ressaltar que Exu não tem amigos nem inimigos e protege sempre aqueles que o agradam e sabem retribuir os seus favores.

Exu foi a primeira forma dotada de existência individual. Não se sabe ao certo a sua região de origem em África, pois em todos os reinos se presta culto a Exu. Sabe-se, no

entanto, que chegou a ser rei de Kêtu. Exu renasceu várias vezes e a sua história revela que é filho de Orunmilá ou de Oxum, dependendo do momento em que renasce.

### 5.1.2 Ogum

Segundo as lendas de Ketu, Ogum fez-se respeitar em toda a África negra pelo seu caráter conquistador e devastador. Muitos reinos se curvaram ao poder militar de Ogum e ensinou os homens a forjarem o ferro e o aço.

Entre os muitos Estados conquistados por Ogum, estava a cidade de Iré, da qual se tornou senhor após libertar a cidade da tirania do rei e substituí-lo por seu próprio filho, regressando com o título de Onirê ou seja, Rei de Irê.



Figura 6: Ogum  
Fonte: Temploxangobaru

Ogum forjou as ferramentas da agricultura e de guerra e inventou a roda.

As vestes são azul-marinho ou verde. Alguns pais de santo usam a cor vermelha.

Vestes do ritual: Bombacha azul marinho, atacã azul-marinho e branco. Capacete (representa o guerreiro) ou chapéu de couro em forma de funil ou cone com penachos ou búzios. Usam capacete com corrente perpassada ao pescoço e espada na mão.

De ferreiro passou a guerreiro

Ferramentas e armas: Espada, foice, lança enxada, pá, alicate, etc.

Saudação: Ogunhê patocuri

### 5.1.3 Oxóssi

Oxóssi considerado o Rei de Ketu, pai da comunidade ou grande pai. Orixá da fauna e flora vive na mata etambém é considerado um exímio caçador de búfalos.

A coleta e a caça são formas primitivas de busca de alimento, são os domínios de Oxóssi, que representa aquilo que há de mais antigo na existência humana: A luta pela sobrevivência.

É o Orixá da fartura e da alimentação, aquele que aprende a dominar os perigos da mata e vai em busca de caça para alimentar a tribo.

Representa o domínio da cultura entendendo a flecha como utensílio cultural, visto que adquire significados sociais, mágicos, religiosos, sobre a natureza.



Figura 7: Oxossi  
Fonte: Fonte: Temploxangobaru

Astúcia, inteligência e cautela são os atributos de Oxóssi, pois como revela a sua história, esse caçador possui uma única flecha, portanto não pode errar a presa, e jamais erra.

É o melhor naquilo que faz, está permanentemente em busca de perfeição.

Indumentária: Bombacha na cor azul turquesa ou saia longa com duas bandas, bonito chapéu e bolsa onde carrega alimentos como feijão fradinho e feijão torrado,

Ferramentas e armas: Arco e flecha e armas de caca, chifres de boi, e um erukerê que e uma espécie de cetro utilizadas pelos caçadores, feita de rabo de cavalo. Seu metal é estanho

Cor: Azul turquesa. Saudação: Oquê Oxóssi ou Oquê Arô

### 5.1.4 Obaluaiê

Orixá que em Ketu, representa a doença e a cura

Segundo a lenda Ketu, não possuía aparência feia, foi posto nele porque quando se aproximava das pessoas, as queimava e a palha retém o calor, caçador do sol. Obaluaiê não tinha lepra, mas facilidade de adquirir doenças infecciosas pois andava pelo mundo.

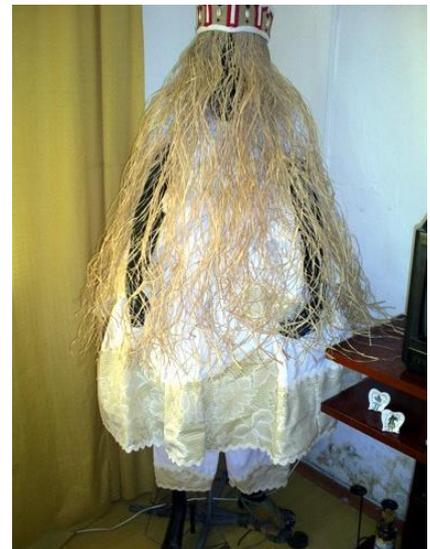
Indumentária: Saiote de pano, xaxará na mão, azé de palha cobrindo a fisionomia e todo o corpo, vestes são recobertas de palha da costa que tapa a fisionomia e todo o corpo. Usa um torço trançado de palha na cabeça, o filá com búzios e contas na cor do Orixá.

Capuz de forma cônica, tecido em palha da costa. Com longas franjas ao redor da base. compõe a indumentária do Orixá

Seu metal é o chumbo. Adereços e armas: Nos pulsos braceletes de palha com búzios e na mão um cetro chamado de xaxará



Figura 8 Xaxará de Obaluaiê  
Fonte: Duailibe, Luiz Antonio  
data: 1978



a  
luaiê  
Imagem CNFCP acervo  
(1664.4KB)

Atributo sagrado do orixá Obaluaiê, em forma de pequeno feixe de piaçava ou de palha da costa, preso com trançados e enfeitado com búzios e miçangas e um chocalho de guizos. Representa a epidemia, comouma vassoura que varre o mundo dos vivos.

Saudação: Atotô

### 5.1.5 Ossaim

Ossaim conhece os segredos das folhas e sabe as palavras (ofó) que despertam o seu poder. Desempenha uma função fundamental no candomblé, visto que sem folhas e sem sua presença, nenhuma cerimônia pode realizar-se, pois ele detém o axé que desperta o poder do sangue verde das folhas.

Orixá grande feiticeiro, que por meio das folhas pode realizar curas e milagres, pode trazer progresso e riqueza. É nas folhas que está a cura para todas as doenças do corpo e do espírito.



Figura 10: Ossaim  
Fonte: Fonte: Temploxangobaru.

A floresta é a casa de Ossaim, que divide com outros Orixás do mato, como Ogum e Oxóssi, o seu território por excelência, onde as folhas crescem em seu estado puro, selvagem, sem a interferência do homem; é também o território do medo, do desconhecido, motivo pelo qual nenhum caçador deve penetrar na floresta sem deixar a entrada alguma oferenda, como alho, fumo ou bebida.

Cor: Verde claro; Contas: Verde claro.

Vestes: Bombacha, capacete de plumas verdes. O cetro é um galho de árvore geralmente de café com seus frutos.

Ferramentas e armas: Uma vara rematada em sete flechas, com um pássaro e moedas.

Haste ladeada por sete lanças com um pássaro no topo (árvore estilizada).

Saudação: Eu, eu



Figura 11: Operê de Osain

Fonte: Museu Afro Brasil - MAB (Acervo Museológico)

Ferramentade Ossaim divindade das folhas ervas medicinais e das matas. Esta haste apresentada possui tanto no Brasil quanto na Nigéria a forma de folhas pontiagudas que emergem de uma estaca e é encimado por um pássaro.

As ferramentas de orixá são instrumentos em metal e outros materiais que representam simbolicamente os próprios Orixás. No Brasil são em sua maioria fundidos em metal na forma de adereços, utensílios e ferramentas de trabalho para caracterizar sua potência ou domínio na natureza.

#### 5.1.6 Oxumarê

Segundo a lenda Ketu, Deus do arco Iris, tem como símbolo uma serpente que também representa a medicina.

Oxumarê é o Orixá de todos os movimentos, de todos os ciclos. Se um dia Oxumarê perder suas forças o mundo acabará porque o universo é dinâmico e a Terra também se encontra em constante movimento.

Oxumarê não pode ser esquecido pois o fim dos ciclos seria o fim do mundo.

Ainda segundo a lenda Ketu, esse Orixá mora no céu e vem visitar a Terra através do arco-íris. Ele é uma grande cobra que envolve a Terra e o céu e assegura a unidade e a renovação do universo. Filho de Nanã Buruquê, é originário de Mahi, no antigo Daomé, onde é conhecido como Dan. Na região de Ife, conhecido como aquele que proporciona riqueza aos homens, Ajé Sàlugá. Teria sido um dos companheiros de Odudua por ocasião de sua chegada a Ifé.

Dizem que Oxumarê seria homem e mulher, mas na verdade, este é mais um ciclo que ele representa o ciclo da vida, pois da junção entre masculino e feminino é a que a vida se perpetua mas Oxumarê é um Orixá masculino.

Oxumarê representa a grande alquimia da vida.

Orixá silencioso, alquímico.

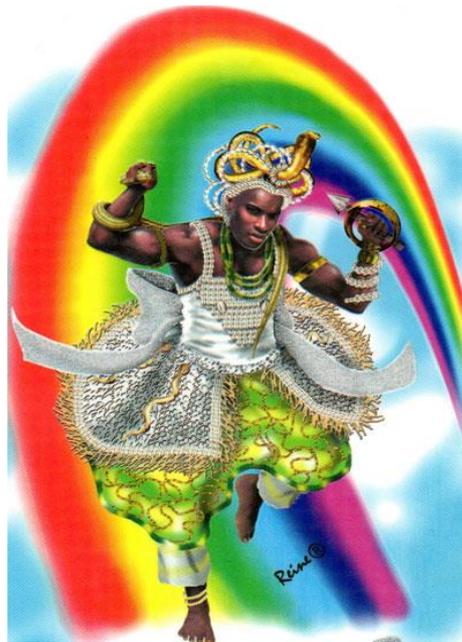


Figura 12: Oxumarê

Fonte: Fonte: <<http://culturanossa-memorias.blogspot.com.br/2011/08/oxumare-no-ketubessen-no-gege.html>>

Ferramentas e armas: Um ferro com três pontas sendo a parte central envolta por uma cobra, ebiri, serpente, círculo, bradjá.

Vestes: Pele de cobra, muito coloridas, usa bombacha ou saia, rodilha uma cobra na cabeça, atacã.

Na cabeça um torso colorido, podendo predominar o dourado, com uma trança descendo pelas costas, até o chão.

Braceletes e cetro também em forma de cobra.

Saudação: Arrobobô

### 5.1.7 Nanã Buruquê

Na lenda Ketu Nanã a deusa dos mistérios, divindade simultânea a criação do mundo Nanã, a deusa dos mistérios e senhora de muitos búzios, Nanã sintetiza a morte em si, fecundidade e riqueza.

O seu nome designa pessoas idosas e respeitáveis e, para os povos Jeje, significa mãe.

Sendo a mais antiga das divindades da água, ela representa a memória ancestral do nosso povo, é a mãe antiga.

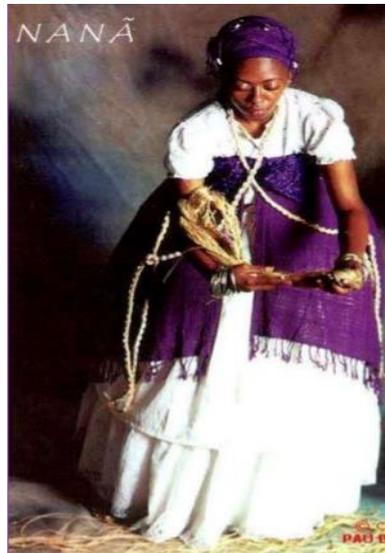


Figura 13: Nanã Buruquê

Fonte: Fonte: <<http://pt.slideshare.net/DeniseAguiar2/orixas-mitos>>.

Naná é considerada o início, meio e fim; o nascimento e a morte, entender Nanã é entender o destino, a vida e a trajetória do homem sobre a Terra pois Nanã é a história., é água parada, água da vida e da morte.

Começo porque é o barro e o barro é vida. É a dona do axé por ser o Orixá que dá a vida e a sobrevivência a senhora das iabás, permite o nascimento dos deuses e dos homens.

Orixá guerreira e justiceira, deusa da transformação e da morte, não gosta de brincadeira.

Vestimenta: Azul rei com branco, saia longa, pano da costa por cima, com um ojú e laçarote para trás, nas laterais bolsas onde guarda seus segredos, orixá muito encantada.

Não usa xauru, mostra o rosto.



Figura 14: Bastão de Nanã  
Fonte: Orixás.

Entre os símbolos de Nanã está o ibiri que é feito de palitos de dendezeiro, búzios que simbolizam a morte e por estarem vazios e fecundidade por lembrarem os órgãos genitais femininos. O que melhor simboliza Nanã é o grão que representa vida e morte.

#### 5.1.8 Ewá

Caçadora valente e habilidosa, virgem porquem Xangô se apaixonou,

Ewá é representada pelo igbá àdó kalabá (cabaça com tiras de ráfia).

Ewá teria o mesmo significado de Dan ou de uma das suas metades. A outra seria Oxumaré. Existem, no entanto, os que defendem que Ewá já pertencia à mitologia Nagô, sendo originária na cidade de Abeokutá. Estes por desconhecer o panteão jeje, no qual o vodun Iewa seria correspondente, da Euá dos nagôs, confundem Ewá com qualidade de Iemanjá, Oyá e Oxum.

Ewá é um Orixá independente mas é conhecida entre os jejes de Eowá e no povo yorubá Ewá ou Euá.



Figura 15: Ewá

<Fonte:<http://alaketuode2.blogspot.com.br/2015/11/ewa.html>>.

Indumentárias: saia vermelha com bolas brancas, ojá vermelho com laço na frente, pano da costa, preso na cintura, na cabeça uma trança de palha da costa, sobre um ojá vermelho; em alguns terreiros Yewá usa rosa, azul e amarelo. Os fios de contas são em vermelho e amarelo ou vermelho translúcidas.

#### 5.1.9 Oxum

Generosa e digna, Oxum é a rainha de todos os rios e cachoeiras. Vaidosa, e a mais importante entre as mulheres da cidade, a Jalodê, é a dona da fecundidade das mulheres, a dona do grande poder feminino.

Oxum é a deusa mais sensual e bela do candomblé. É a própria vaidade, dengosa e formosa, paciente e bondosa, mãe que amamenta e ama,

Um de seus oriquis revela o zelo de Oxum com seus filhos: O primeiro filho de Oxum, chama-se Ide, uma verdadeira jóia, uma argola de cobre que todos os iniciados de Oxum devem colocar em seu braço.

Oxum não vê defeitos nos seus filhos, só vê brilho, por isso que Oxum é mãe das crianças, seres inocentes e sem maldade, zelando por elas desde o ventre até que adquiram independência.

Vestes: amarelas com enfeites coloridos de azul, branco e rosa. Na cabeça usa um diadema em forma de coroa com franja de pingentes de vidrilhos brancos e dourados.



Figura 16: Oxum

Fonte:< <http://www.centroensc.com.br/blog/id-192967/oxum>>.

Ferramentas e armas: Estrelas, coração, peixe, lua todos de metal. Leque de folhas de flandres amarrada com rosa ou estrela no centro.

Saudação: Oraieieu ou ieieu

#### 5.1.10 Oyá

Embora seja saudada como a deusa do rio Níger, está relacionada com o elemento fogo. Na realidade, indica a união de elementos contraditórios, pois nasce da água e do fogo, da tempestade, de um raio, que corta o céu no meio de uma chuva, é a filha do fogo.

A tempestade é o poder manifesto de Oyá, rainha dos raios, das ventanias, do tempo que se fecha sem chover.

É uma guerreira por vocação, sabe ir à luta e defender o que é seu, a batalha do dia a dia é sua felicidade. Ela sabe conquistar, seja no fervor das guerras, seja na arte do amor. Mostra o seu amor e a sua alegria contagiante na mesma proporção que exterioriza a sua raiva, o seu ódio.

Dessa forma, passou a identificar-se muito mais com todas as atividades relacionadas com o homem que são desenvolvidas fora do lar, portanto não aprecia os afazeres domésticos,

rejeitando o papel feminino tradicional, Oyá sai de manhã e vai em busca de sustento para os filhos.

O facto de estar relacionada com funções tipicamente masculinas não afasta Iansã das características próprias de uma mulher sensual, ferosa, ardente; ela é extremamente feminina e o seu número de paixões mostra a forte atração que sente pelo sexo oposto, teve muitos homens e verdadeiramente amou todos. Graças aos seus amores, conquistou grandes poderes e tornou-se orixá.

Assim, Oyá tornou-se mulher de quase todos os orixás. Ela é arrebatadora, sensual e provocante, mas quando ama um homem só se interessa por ele, portanto é extremamente fiel e possessiva. Todavia, a fidelidade de Iansã não está necessariamente relacionada a um homem, mas às suas convicções e aos seus sentimentos.



Figura: 17:Oyá

Fonte: <http://luzemhisterio.com.br/blog/ritos-e-deuses/oya-mesan-orun/>

Algumas passagens da história de Iansã relacionam-na com antigos cultos agrários africanos ligados à fecundidade, e é por isso que a menção aos chifres de novilho ou búfalo, símbolos de virilidade, surgem sempre nas suas histórias. Iansã é a única que pode segurar os chifres de um búfalo, pois essa mulher cheia de encantos foi capaz de transforma-se em búfalo e tornar-se mulher da guerra e da caça.

Oyá é a mulher que sai em busca do sustento; ela quer um homem para amá-la e não para sustentá-la. Desperta pronta para a guerra, para a sua lida.

Vestes: vestido e saia com nove faixas de cores diferentes. Ou vestido de fibra seca na parte superior da palma da mão, chamada de folhas de palmeira. Fitas de nove cores cobrem suas cabeças.

Símbolos: Espada e eruexin

Domínios: Tempestades, ventanias, raios e morte.

Vestes: Usa um vestido e saia com nove faixas de cores diferentes. Ou vestido de fibra seca na parte superior da palma da mão, chamada de folhas de palmeira. Fitas de nove cores cobrem suas cabeças.

### 5.1.11 Yemanjá

É a rainha de todas as águas do mundo, seja dos rios, seja do mar. O seu nome deriva da expressão YéYé Omó Ejá, que significa, mãe cujo filhos são peixes. Na África era cultuada pelos egbá, nação Iorubá da região de Ifé e Ibadan onde se encontra o rio Yemojá. Esse povo transferiu-se para a região de Abeokutá, levando consigo os objetos sagrados da deusa, e foram depositados no rio Ogum, o qual, diga-se de passagem, não tem nada a ver com o Orixá Ogum, apesar de no Brasil Yemojá ser cultuada nas águas salgadas, a sua origem é de um rio que corre para o mar. Inclusive, todas as suas saudações, orikís e cantigas remetem a essa origem, Odó Iyà, por exemplo, significa mãe do rio, já a saudação Erù Iyà faz alusão às espumas formadas do encontro das águas do rio com as águas do mar, sendo esse um dos locais de culto a Yemonjá.

Yemanjá é a mãe de todos os filhos, mãe de todo mundo. É ela quem sustenta a humanidade e, por isso, os órgãos que a relacionam com a maternidade, ou seja, a sua vulva e seus seios chorosos, são sagrados. É o espelho do mundo, que reflete todas as diferenças, pois a mãe é sempre um espelho para o filho, um exemplo de conduta. Ela é a mãe que orienta, que mostra os caminhos, que educa, e sabe, sobre tudo, explorar as potencialidades que estão dentro de cada um, como fez com os guerreiros de Olofin, mostrando o quanto eram bons nos seus ofícios, mas dizendo, ao mesmo tempo, que a guerra maior é a que travamos contra nós mesmos.



Figura 18: Yemanjá  
Fonte: Casa de São Lázaro.

A energia de Yemanjá juntou-se a Orugan. Dessa interação nasceram diversos omo-Orixás e dos seus seios rasgados jorraram todos os rios do mundo. Yemanjá é a própria água, suas lágrimas transformaram transformar num rio que correu em direção ao oceano.

Cor: Branco transparente, prateado podendo ser levemente azulado.

Contas: Brancas transparentes, de preferência de cristal, ou azul-claro.

Vestes: Branca prateada ou azul clara ou rosa.

Pulseiras de alumínio e um leque de latão prateado em forma de peixe.

Na cabeça usa uma coroa branca, com o imbé, franja que cobre o rosto, de miçangas brancas transparentes ou de cristal.

Saudação: Ôdoia ou Odô fiaba

#### 5.1.12 Xangô

Senhor da justiça e do fogo. Não admite injustiças. Usa um machado chamado de oyó e um edún espécie de chocalho.

Xangô nasce do poder morre em nome do poder. Rei absoluto, forte, imbatível. O prazer de Xangô é o poder. Xangô manda nos poderosos, manda em seu reino e nos reinos vizinhos. Xangô é rei entre todos os reis. Não existe uma hierarquia entre os orixás, nenhum

possui mais axé que o outro, apenas Oxalá, que representa o patriarca da religião e é o orixá mais velho, goza de certa primazia. Contudo, se preciso fosse escolher um orixá todo-poderoso, quem, senão Xangô para assumir esse papel?

Xangô gosta dos desafios, que não raras vezes aparecem nas saudações que lhe fazem seus devotos na África. Porém o desafio é feito sempre para ratificar o poder de Xangô.

A maneira como todos devem se referir a Xangô já expressa o seu poder. Procure imaginar um elefante, mas um Elefante-de-olhos-tão-grandes-quanto-potes-de-boca-larga: esse é Xangô e, se o corpo do animal segue a proporção dos olhos, Xangô realmente é o Elefante-que-manda-na-savana, imponente, poderoso.



Figura 19: Xangô  
Fonte: Temploxangobaru

Percebe-se que a imagem de poder está sempre associada a Xangô. O poder real, por exemplo, lhe é devido por ter se tornado o quarto alafim de Òyó, que era considerada a capital política dos iorubas, a cidade mais importante da Nigéria. Xangô destronou o próprio meio-irmão Dadá-Ajaká com um golpe militar. A personalidade paciente e tolerante do irmão irritavam Xangô e, certamente, o povo de Òyó, que o apoiou para que ele se tornasse o seu grande rei, até hoje lembrado

Usa vestes vermelha e branca ou castanho e branco.

Contas da mesma cor.

Adereços: Braclete de tiras de couro, na cabeça coroa de latão ou cobre com pedras coloridas.

Na mão um cetro de latão em forma de machado duplo, com asas representando o fogo celeste.

Armas: Machado alado com corisco.

Saudação: Caô cabecile.

### 5.1.13 Oxalá

Oxalá é o detentor do poder procriador masculino. Todas as suas representações incluem o branco. É um elemento fundamental dos primórdios, massa de ar e massa de água, a protoforma e a formação de todo o tipo de criaturas no aie e no orun. Ao incorporar-se, assume duas formas: Oaguiã jovem guerreiro, e Oxalufã, velho apoiado num bastão de prata (apaxoró). É alheio a toda a violência, disputas, brigas, gosta de ordem, da limpeza, da pureza. A sua cor é o branco e o seu dia é a sexta-feira. Os seus filhos devem vestir branco neste dia. Pertencem a Oxalá os metais e outras substâncias brancas.

Em África, todos os Orixás relacionados com a criação são designados pelo nome genérico de Orixá Fun Fun. O mais importante entre todos eles chama-se Orixalá (Òrisanlà), ou seja, o grande Orixá, que nas terras de Igbó e Ifé é cultuado como Obatalá, rei do pano branco. Eram cerca de 154 Orixás Fun Fun, mas no Brasil e na Europa a quantidade reduz-se significativamente, sendo que dois, Orixá Olùfón, rei de Ifón (Oxalufã) e Orixá Ógìyán, o comedor de inhame e rei de Egìgbó (Oxaguiã), se tornaram as suas expressões mais conhecidas.



Figura 20: Oxaguiã.  
Fonte: Temploxangobaru.

A designação de Orixá Fun Fun deve-se ao facto de a cor branca se configurar como a cor da criação, guardando a essência de todas as demais. O branco representa todas as possibilidades, a base de qualquer criação. O nome Orisanlá foi contraído e deu origem à palavra Oxalá, e com esse nome o grande Deus-pai passou a ser conhecido no Brasil e na Europa. Todos os Orixás Fun Fun foram reunidos em Oxalá e divididos em várias qualidades das suas duas configurações principais:

Cor: Branco

Suas vestes são brancas, podem ser mescladas com azul.

Metal: Ouro aplicado em forma de pulseiras.

Contas: Brancas leitosas.

Vestes: Capacetes ou coroa desenhada com búzios e poxoró (cetro especial) prateado.

O poxoró tem na extremidade superior uma esfera encimada por uma pomba de asas abertas.

Ferramentas e armas: O poxoró, a espada e o pilão de prata, Sol espadas de oxaguiã cauris em metal prateado.

Saudação: Êpa babá.

#### 5.1.14 Ibeji

Ibeji é o Orixá-Criança, em realidade, duas divindades gémeas infantis, ligadas a todos os orixás e seres humanos.

Por serem gémeos, são associados ao princípio da dualidade; por serem crianças, são ligados a tudo que se inicia e nasce: a nascente de um rio, o nascimento dos seres humanos, o germinar das plantas, etc.

Ibeji na nação Ketu, ou Vunji nas Nações Angola e Congo. É o Orixá Erê, ou seja, o Orixá criança. É a divindade da brincadeira, da alegria; a sua regência está ligada à infância.



Figura 21: Ibeji

Fonte: [http: </ilealaketuasebabaonanlayo.blogspot.com.br/p/ibeiji.html>](http://ilealaketuasebabaonanlayo.blogspot.com.br/p/ibeiji.html).

Ibeji está presente em todos os rituais do Candomblé, pois, assim como Exú, se não for bem cuidado pode atrapalhar os trabalhos com as suas brincadeiras infantis, desvirtuando a concentração dos membros de uma Casa de Santo. É o Orixá que rege a alegria, a inocência, a ingenuidade da criança. A sua determinação é tomar conta do bebê até à adolescência, independentemente do Orixá que a criança carrega.

Vestes: Costuma aparecer trajado de príncipe.

As cores serão a do Orixá correspondente.

Cores podem ser: Azul, rosa ou verde.

Saudação: Bejiró!

#### 5.1.15 Irokô

Iroko é um Orixá muito antigo. Iroko foi à primeira árvore plantada e pela qual todos os restantes Orixás desceram à Terra. Iroko é a própria representação da dimensão Tempo. Iroko é o comandante de todas as árvores sagradas, o vanguardeiro, os demais Osa Iggi devem-lhe obediência porque só ele é Iggi Olórun, a árvore do Senhor do Céu.

Iroko, Iroco ou Roko (do iorubá Íròkò) é um orixá cultuado no candomblé do Brasil pela nação Ketu e, como Loko, pela nação Jeje. Corresponde ao Inquice Tempo na nação Angola ou Congo.



Figura 22: Irokô  
Fonte: Orixas.

Vestes: Branca, verde ou castanha.

Símbolo: Árvore ou tronco.

Saudação: Irokô Isso!

Suas contas são verde musgo e riscadas de marrom. As vezes veste-se de palha como Omulu(Obaluaiê). Sua incorporação é pouco vista

Ibá: Colar de balangandãs, em metal, variando de acordo com o orixá: em latão (Oxum), em prata (Iemanjá), em cobre (Iansã). Compõe também o assentamento do orixá.

## 5.2 REPRESENTAÇÃO DA INDUMENTÁRIA DOS ORIXÁS DA NAÇÃO KETU NA CDU E NA CDD

Nesta seção apresentamos a análise e os resultados da representação da indumentária dos Orixás da Nação Ketu na CDD e na CDU.

### 5.2.1 Representação da Indumentária dos Orixás da Nação Ketu na CDD

Religião na CDD, encontra-se na classe 200, e as religiões de origem africanas assim descritas, na classe 299:

000	Religião
100	Filosofia e Teoria da Religião
200	Bíblia
300	Cristianismo Teologia Cristã
400	Moral Cristã e Teologia Devocional
500	Igreja Cristã Local e Ordens Religiosas Cristãs
600	Teologia Social Cristã e Eclesiástica
700	Tratamento Pessoal, Geográfico e Histórico do Cristianismo. História da Igreja
800	Denominações e Seitas da Igreja Cristã
900	Religião Comparada e Outras Religiões Não-Cristãs

Quadro 6: Classe 200 Religião na CDD23

Fonte: Dewey, 2011.

Percebe-se que as religiões africanas e afrodescendentes não aparecem explicitamente nas classes de 210a 290, encontrando espaço apenas na classe 290 Religião Comparada e Outras Religiões Não-Cristãs. Esta classe, como evidencia o Quadro 7, está subdividida em:

290	Religião Comparada e Outras Religiões Não-Cristãs
291	Religião Comparada
292	Religião Clássica (Gregas e Romanas)
293	Religião Germânica
294	Religiões de Origem Índica
295	Zoroastrismo
296	Judaísmo
297	Islamismo, Babismo e Fé Baha'i
298	Vago
299	Outras Religiões

Quadro 7 Classe 290 Religião Comparada e Outras Religiões Não-Cristãs na CDD22

Fonte: Dewey, 2011.

Como se vê no Quadro 7, porém, ainda aqui não encontramos ressonância para a Fé de origem africana. Na classe 299 Outras Religiões, conforme mostramos abaixo, é que iremos encontrar as religiões originárias da África e praticadas pelos afrodescendentes.

299	Outras Religiões
299.1-.4	Religiões de Origens Indo-Europeias, Semíticas, Norte-africanas, Norte e Oeste-asiáticas, Dravidianas
299.5	Religiões de Origem Leste e Sudeste-Asiáticas
299.6	Religiões Originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes
299.7	Religiões de Nativos da América do Norte
299.8	Religiões de Nativos da América do Sul
299.9	Religiões de Outras Origens

Quadro 8: Classe 299 Outras Religiões na CDD22

Fonte: Dewey, 2011.

Somente em 299.6 Religiões Originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes localizam-se categorias que descrevem a cultura religiosa dos afrodescendentes (Quadro 9).

299.6	Religiões originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes
299.62	Mitologia e Fundamentos Mitológicos
299.63	Doutrinas
299.64	Práticas, Rituais e Cerimônias
299.67	Cultos Específicos
299.68	Religiões de Grupos Específicos de Pessoas
299.69	Religiões de Áreas Específicas na África

Quadro 9: Classe 299.6 Religiões Originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes na CDD23

Fonte: Dewey, 2011.

Por fim, é na classe 299.67 Cultos Específicos que efetiva e especificamente estão caracterizados alguns cultos africanos particulares, como se apresenta no Quadro 10:

299.67	Cultos Específicos
299.672	Umbanda
299.673	Candomblé
299.674	Santeria
299.675	Voodooismo
299.676	Movimento Rastafári

Quadro 10: Classe 299.67 Cultos Específicos na CDD23

Fonte: Dewey, 2011.

Para a classificação da indumentária dos Orixás da Nação Ketu não encontramos nenhuma possibilidade dentro da Classe 200 da CDD.

Verificamos existir possibilidades de classificação na classe Etnologia. Etnografia. Costumes. Usos. Tradições. Modo de vida. Folclore, mais especificamente na classe 391 Vestuário. Indumentária. Traje nacional. Moda. Adornos. E também dentro de Economia Doméstica na classe 646.47 Roupas para ocasiões especiais inclusive roupas para cerimônias.

Porém, devido à especificidade do assunto, acreditamos não serem as classes mais adequadas para Indumentária dos Orixás da Nação Ketu, pois tal assunto deveria encontrar lugar na classe 200 Religião.

### 5.2.2 Representação da Indumentária dos Orixás da Nação Ketu na CDU

Religião na CDU, encontra-se na classe 2, e as religiões de origem africanas assim descritas, na classe 25:

2	Religião. Teologia.
21/29	Sistemas Religiosos. Religiões e Crenças.
21	Religiões Pré-históricas e Primitivas.
22	Religiões que tiveram origem no Extremo Oriente.
23	Religiões Originárias do Subcontinente Indiano. Religião Hindu em sentido amplo.
24	Budismo.
25	Religiões da Antiguidade. Cultos e Religiões Menores.
26	Judaísmo.
27	Cristandade. Igrejas e Denominações Cristãs.
28	Islamismo.
29	Movimentos Espirituais Modernos.

Quadro 11: Classe 2 Religião. Teologiana CDU.

Fonte: UDC Consortium, 2007.

No quadro abaixo, dentro da classe 25 encontramos a classe 259 Religiões de outras áreas.

25	Religiões da Antiguidade. Cultos e Religiões Menores.
251	Religião do Egito Antigo.
252	Religião da Mesopotâmia.
253	Outras Religiões da Ásia Ocidental.
254	Religiões do Irã.
255	Antiguidade Clássica.
256	Religião da Ásia Central. Xamanismo.
257	Religiões da Europa.
258	Religiões das Américas do Sul e Central. Religiões Indígenas Pré-Colombianas.
259	Religiões de Outras Áreas.

Quadro 12: Classe 25 Religiões da Antiguidade. Cultos e Religiões Menores na CDU.

Fonte: UDC Consortium, 2007.

E, dentro da classe 259 Religiões de outras áreas, encontramos a classe 259.4 Religiões de origem Africana, conforme Quadro 13.

259	Religiões de Outras Áreas.
259.2	Religião Indígena da América do Norte.
259.4	Religiões de Origem Africana.
259.6	Religiões Australianas.
259.7	Religiões da Oceania.

Quadro 13: Classe 259 Religiões de Outras Áreas na CDU.

Fonte: UDC Consortium, 2007.

Como vimos neste estudo o Candomblé da Nação Ketu é um tipo de religião iorubana, uma das religiões de matrizes africanas que no quadro abaixo encontra-se na classe 259.42.

259.4	Religiões de Origem Africana.
259.42	Religião Iorubá.
259.43	Vodu. Religião Vodu.
259.44	Rastafarismo

Quadro 14: Classe 259.4 Religiões de Origem Africana na CDU.

Fonte: UDC Consortium, 2007.

Para atribuímos um número de classificação para a indumentária de cada um dos Orixás apresentado neste trabalho devemos utilizar a classe 2 da CDU da seguinte maneira:

- 1º) Chegar a classe 259.42 Religiões iorubanas, conforme Quadro 14;
- 2º) Subir na cadeia até chegar no auxiliar especial **2-158A/Z** da classe 2 que represente os deuses cultuados na religião e lançar mão do auxiliar comum dependente alfabético A/Z dentro do auxiliar especial 2-158 que significa Deuses/Deusas com nomes, para identificar o orixá que se deseja representar. Então para representarmos o orixá Exú na Nação Ketu devemos utilizar a seguinte notação: 259.42-158Esú, onde 259.42 representa a religião iorubana e 2-158 e especificarmos o Orixá por meio da extensão alfabética A/Z, ou seja, o deus específico, então para Exú teríamos a notação 259.42-158Exú
- 3º) Utilizar o auxiliar especial 2-525.4 que representa vestes, roupas e paramentos.

2	Religião. Teologia.
2-5	Adoração em sentido amplo. Culto. Ritos e Cerimônias.
2-52	Agentes do Culto.
2-525	Meios para os atos do Culto.
2-525.4	Vestes. Roupas. Paramentos.

Quadro 15: Hierarquia da Classe 2-525.4Vestes. Roupas. Paramentosna CDU.  
Fonte: UDC Consortium, 2007.

Então, para representarmos a indumentária de cada orixá presente nesse trabalho de acordo com a 2ª Edição Padrão Internacional em Língua Portuguesa da CDU, teríamos as seguintes notações:

- 259.42-158Exú-525.4
- 259.42-158Ogum-525.4
- 259.42-158Oxossi-525.4
- 259.42-158Obaluaiê-525.4
- 259.42-158Ossãe-525.4
- 259.42-158Oxumaré-525.4
- 259.42-158Naná Buruquê-525.4
- 259.42-158Ewá-525.4
- 259.42-158Oxum-525.4
- 259.42-158Oyá-525.4
- 259.42-158Yemanjá-525.4
- 259.42-158Xangô-525.4
- 259.42-158Oxaguiã-525.4

259.42-158Ibeji-525.4

259.42-158Irokô-525.4

Na CDU também encontramos possibilidades de classificação de Indumentária na classe 39 Etnologia. Etnografia. Costumes. Usos. Tradições. Modo de vida. Folclore, mais especificamente na classe 391 Vestuário. Indumentária. Traje nacional. Moda. Adornos. E também dentro de Economia Doméstica na classe 646.47 Roupas para ocasiões especiais inclusive roupas para cerimônias.

Porém, devido à especificidade do assunto, acreditamos serem mais adequadas as notações construídas para Indumentária dos Orixás da Nação Ketu a partir da classe 2 Religião.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que apesar de muitas obras na atualidade tratarem de religiões de matrizes africanas, elas ainda são um tema pouco trabalhado na Biblioteconomia, nos sistemas de organização do conhecimento que utilizamos para classificar e indexar obras sejam elas físicas ou digitais e também são pouco representadas em nossa área.

As religiões trazidas pelos negros escravizados sofrem preconceitos de toda ordem e devemos, no caso específico da Biblioteconomia, buscar formas de bem representá-las para facilitar a recuperação da informação e, também, colaborar com a sua preservação.

Trabalhando na representação da indumentária dos Orixás da Nação Ketu, sentimos carência desse material impresso em livros e, principalmente, notamos na CDD e na CDU pequena presença das religiões africanas e sua indumentária.

Sabendo da importância de preservar a memória de nossos ancestrais, seus costumes, sua cultura inclusive religiosa, notamos a necessidade de representar melhor o conhecimento nessa área do saber, como forma de facilitar o trabalho dos profissionais que venham a trabalhar com materiais sobre religiões africanas, mas também como forma de valorizar essas religiões.

Nossas reflexões enquanto futuro bibliotecário e por amor à cultura africana e a religião africana, nos faz crer que nosso trabalho é de vital importância para a disseminação desse conhecimento e aperfeiçoamento das formas de bem representá-lo, não somente a pesquisadores iniciantes da área como nós, mas a todas as futuras gerações.

Que elas possam ter garantido se não por nós, ao menos nosso trabalho possa fazer lembrar e aflorar, colaborar afim de que nas novas gerações brote e impere sempre o respeito ao conhecimento produzido por parte das religiões africanas.

Uma solução para a pouca representatividade das religiões de matrizes africanas nos sistemas de organização do conhecimento tipo CDD e CDU, e/ou de modo geral, seriam sistemas construídos de forma colaborativa junto aos participantes dos cultos aos Orixás que seria muito bem vindo segundo os mesmos vivenciam a experiência da religião e teriam muitos saberes para compartilhar com os profissionais envolvidos na construção desses sistemas colaborativos e traria melhorias muito significativas para a disseminação e preservação desses saberes milenares.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. NBR 6024: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. NBR 6027: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. NBR 6028: informação e documentação: resumos: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. NBR 6033: ordem alfabética. Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ALAKETÚ ODÈ. Disponível em: <<http://alaketuode2.blogspot.com.br/2015/11/ewa.html>>. Acesso em: 03 de mar. 2017.

AXÉ, MINHA RELIGIÃO É O CANDOMBLÉ! Disponível em: <<http://douglassartt.blogspot.com.br/2009/11/yansa.html>>. Acesso em: Set. 2016

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo, Pioneira, 1971.

BEGHTOL, C. Garantia de hospitalidade. In: LOPEZ HUERTAS, M. J. (Ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries**. Würzburg: Ergon- Verlag, 2002. p.45-49.

CANDOMBLÉ SEM SEGREDOS. Disponível em: <<http://www.candomblesemsegredos.com.br/>> Acesso em: 9 mai 2016.

CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. 9. Ed., São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2008. (Raízes)

CASA DE SÃO LÁZARO. Disponível em: <[http://casadesaolazaro.blogspot.com.br/2009\\_10\\_01\\_archive.html](http://casadesaolazaro.blogspot.com.br/2009_10_01_archive.html)>. Acesso em: 17 dez. 2016.

ESTUDO APROFUNDADO DA DOCTRINA ESPÍRITA : MITOS DOS ORIXÁS. disponível em: <<http://pt.slideshare.net/DeniseAguiar2/orixas-mitos>>. Acesso em: out. 2016.

DEWEY, M. **Dewey Decimal Classification and relative index**. 23rd. ed. Washington, D.C.: OCLC, 2011. 4v

FERNÁNDEZ-MOLINA, J. C.; GUIMARÃES, J. A. C.; VIDOTTI, S. A. B. G.; FLAMINO, A. N.; SOUZA, A. S.; CAMARGO, L. S. A.; SILVA, M. S.; MORENO, P. S.; RAMALHO, R. A. S. Aspectos éticos de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación: y su Reflejo en la organización y representación del conocimiento. In: GASCÓN, J.; BURGUILLOS, F.; PONS, A. (Ed.). **La dimensión humana de la organización del Conocimiento**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2005. p. 177-186.

O FILÓSOFO QUE RI. Disponível em:

<<http://ofilosofoqueri.blogspot.com.br/2014/10/rene-descartes-meditacoes-iii.html>>. Acesso em: Dez. 2016.

FONSECA, Eduardo. **Dicionário yorubá (Nagô) Português**. Rio de Janeiro, Civilização brasileira 1983.

FUJITA, M. S. L. Organização do conhecimento: algumas considerações para o tratamento temático da informação. In: CARRARA, K. (Org.). **Educação, universidade e pesquisa**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2001. p. 29-72.

GALVÃO, M. C. B. A análise, a síntese, a representação da informação e a gestão do conhecimento nas empresas. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília:Thesaurus, 2003. p. 230-239.

GARCIA GUTIERREZ, G. A. Cientificamente favelados. Uma visão crítica do conhecimento a partir da Epistemografia. **Transinformação**, Campinas (SP), v.18, n. 2, p. 103-112, maio/ago. 2006. Uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. Campinas (SP), v.18, n. 2p. 103-112, maio/ago. 2006.

GIL, F. Representar. In: GIL, Fernando (Coord.) **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. v. 41, p. 11-51.

GUIMARÃES, J.A.C., PINHEIRO. **Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento**. ENANCIB, 2006.

GUIMARÃES, J.A.C., PINHEIRO, F. Representação do conhecimento: abordagem ética **Inf.& Inf.**, Londrina, v. 12, n.1, jan./jun. 2007.

ILÊ AXÉ OMIM IYÁ OXUM Disponível em:

<[http://ileaxeomiyaoxum.blogspot.com.br/2016\\_01\\_01\\_archive.html](http://ileaxeomiyaoxum.blogspot.com.br/2016_01_01_archive.html)>. Acesso em: Nov. 2016

ILEIBAGBO. Disponível em: <<https://ileibagbo.wordpress.com/tag/candomble/>>. Acesso em: Nov. 2016.

IMGRUM Disponível em: <<http://www.imgrum.net/tag/poesiaemclicks>>. Acesso em: Nov. 2016

KAULA, Prithvi N. Rethinking on the concepts in the study of classification. **Herald of Library Science**, Varanasi, v. 28, no. 1-2, p. 30-44, Jan.-Apr. 1984.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2004.

MIRANDA, M.L.C.M. **Organizaçãodo conhecimento para a recuperação da informação: uma abordagem ao ensino da classificação em cursos de Biblioteconomiano Brasil**. 1997. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. **Organização e representação do conhecimento: fundamentos teórico-metodológicos na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais**. 2005. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)– Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

UMA MULHER ENCANTADA. Disponível em:  
<http://suamidosun.blogspot.com.br/2011/09/sobre-exu.html>.

ORIXÁS, umbanda e candomblé disponível em:< <http://www.orixas.blogspot.com.br/>>.  
Acesso em: jul.2016.

PAULA, C. M. **Análise da representação do budismo Mahayana na Classificação Decimal Universal**. UNIRIO,2009.

PINHO, F.A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre AntonioGarcia Gutierrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol**. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e ciências, Universidade Estadual P Marília2006. Disponível em:<[http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93693/pinho\\_fa\\_me\\_mar.pdf?Sequence=1&isAllowed=y](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93693/pinho_fa_me_mar.pdf?Sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em 3 fev. 2016.

PIEIDADE, M.A.R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro:Interciência, 1983. 221p.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**: Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

RODRIGUES, R. N. **Osafricanos no Brasil**. Madras, São Paulo. 2008, 254 p.

RODRIGUES, Roberto. **Tambores da liberdade**. Disponível em:  
<<http://www.irdeb.ba.gov.br/tamboresdaliberdade/?p=1284>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Madras São Paulo. 2008.

TEMPO, Robson de. **O jogo de búzios no candomblé angola**. Pallas, Rio de Janeiro.  
<https://soteropolitanosculturaafro.wordpress.com/2008/09/16/identidade-ancestral/>

UDC Consortium. **Classificação Decimal Universal**: 2. edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: IBICT, 2007. 2 v.